

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**Um Bosque com vida: encontros e experiências através da Educação  
Ambiental**

**Aline Gevaerd Krelling**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Bacharel em Ciências  
Biológicas. Disciplina Estágio II (BIO  
5156)

**Orientadores: Leandro Belinaso Guimarães**  
**Vera Lícia Vaz de Arruda**

Florianópolis, janeiro de 2009.

**Dedico este trabalho à minha mãe,  
a pessoa mais importante da minha vida.**

## AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é, sem dúvida, fruto de uma construção coletiva minha, de meus orientadores e de todas as pessoas que fazem parte da minha vida. Ele não se concretizaria sem o apoio, o carinho, os conselhos, a dedicação e a amizade de todos vocês. Muitos talvez nem saibam e nem irão ler esse trabalho, mas fazem parte da minha formação como pessoa e por isso contribuíram para a sua realização.

Dedico este trabalho inteiramente à minha mãe, que sempre acreditou nos meus sonhos, que sonhou e concretizou esse TCC junto comigo. Sua ajuda no patrocínio deste trabalho, na confecção da capa e do flanelógrafo foi importantíssima, mas muito mais do que isso, o seu amor e a sua confiança me fez acreditar que era possível...

Agradeço aos meus orientadores por acreditarem em mim e transformarem meus devaneios numa pesquisa acadêmica. Ao Leandro, por me desestabilizar muitas vezes, me fazer refletir, ampliar meu olhar. À Verinha, por me despertar para o universo encantado das crianças, das artes, das emoções. A contribuição de vocês foi essencial no meu crescimento como pesquisadora, como pessoa.

À minha vó, por todo o seu amor e dedicação. E a toda a minha família, que mesmo não compreendendo muito o que eu faço, sempre me apoiaram.

Aos meus amigos queridos, que sempre estiveram por perto, mesmo quando estavam longe. À Ceci, minha irmã, por me ensinar a olhar o mundo de coração aberto, pela energia radiante e por sempre me mostrar o lado bom das coisas, mesmo quando eu não acreditava que era possível. Ao Gui (tartaruga), pelos conselhos e puxões de orelha, pelo seu amor à Biologia que sempre me inspirou. À Vic, pela parceria, pelas conversas no fim de noite, pela sua alegria contagiante. Obrigada por existirem na minha vida!

Um agradecimento muito especial a todos que me ajudaram diretamente na realização deste trabalho. À Michely, minha amiga e minha chefinha dos tempos de SESC, que acompanhou todos os meus conflitos, sempre me dando forças para seguir em frente. Aos funcionários do Bosque: Rita, Kerle, Tânia e Silvano, pela ajuda e por permitirem desenvolver minha pesquisa lá. Ao Daniel, pela parceria no Bosque. Ao

Pingüim, por ter tirado as fotos. À Coordenadora e à professora do CEPAJÓ, por aceitarem meu convite de participar dessa pesquisa e, especialmente, às crianças do 3º ano. Sem elas nada disso seria possível. À Anna, por ter me ajudado no registro das atividades. A todos do TECENDO, pelas enriquecedoras discussões. Ao Gui (Toledão), pela ajuda com as imagens e todo o seu apoio nos momentos finais. Valeu galera!

Não posso deixar de agradecer aqui à turma de formandos 2008-2, pelas festas, pelas risadas, por tornarem o ano que achei que seria o mais difícil de toda a graduação, muito mais leve e divertido. Sentirei saudades...

Agradeço à galera da Bio, agregados e professores por todos os momentos vividos junto a vocês, nas aulas, nos corredores, nos ENEBs e EREBs, nas festas, nas Horas Felizes, no C.A., Bar da Nina, Cat's, Vasquinho, Casa da floresta, Bali Hai – Floripa, K-zona, ...

A tudo que me inspira e me dá forças, a Deus, à natureza, às crianças,... à vida!

**Muito obrigada!**

## SUMÁRIO

<b>Apresentação .....</b>	<b>06</b>
<b>1. Uma educadora ambiental em construção .....</b>	<b>07</b>
1.2 Os caminhos que me levaram ao Bosque .....	10
<b>2. Caminhos e descaminhos da pesquisa .....</b>	<b>12</b>
2.1 Como fazer pesquisa em Educação? .....	14
2.2 As atividades... ..	16
<b>2.2.1 Re-conhecendo o Bosque:</b>	
<i>Contação de história</i> .....	18
<i>Trilhas</i> .....	20
<b>2.2.2 Passado, presente e futuro:</b>	
<i>Desenhos e Imagens</i> .....	21
<i>Maquetes</i> .....	22
<b>3. Descortinando o universo da pesquisa: o Bosque Pedro Medeiros .....</b>	<b>24</b>
3.1 A turma escolhida .....	29
<b>4. Diário de Encontros .....</b>	<b>31</b>
<i>26 de Setembro de 2008: primeiro encontro</i> .....	32
<i>03 de outubro: segundo encontro</i> .....	48
<b>5. Múltiplos olhares sobre o Bosque .....</b>	<b>57</b>
<b>6. Reflexões “finais”... ..</b>	<b>68</b>
<b>7. Referências Bibliográficas .....</b>	<b>72</b>
<b>8. Anexos:</b>	
Anexo 01 – História .....	77
Anexo 02 - Mapa ilustrativo do Bosque Pedro Medeiros .....	79
Anexo 03 - Imagens aéreas .....	80
Anexo 04 - Lei nº 3409/90 .....	81
Anexo 05 - Decreto nº 1370/02 .....	82
Anexo 06 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	84

## **Apresentação**

Enfim, nasceu... Foram onze meses de trabalho, de emoções sentidas, de entrega. Não foi fácil chegar até aqui, muitos caminhos foram trilhados... Mas chego ao final desse ciclo com uma enorme satisfação. Esse trabalho não foi para mim apenas o cumprimento do requisito necessário para a obtenção do grau de bacharel em Ciências Biológicas. Trago a essas páginas muito do que eu sou, do que eu acredito.

O lugar escolhido para a pesquisa foi o Bosque Pedro Medeiros, um parque urbano localizado no bairro do Estreito. Sempre me questioneei por que um lugar tão belo aos meus olhos era pouco valorizado pela sua comunidade de entorno, e foi isso que me impulsionou a querer fazer algo. Pela minha trajetória na Educação Ambiental, escolhi trabalhar com as crianças, pois foram elas que me despertaram para a área da Educação. Vislumbrar a multiplicidade de olhares e relações tecidas pelas crianças com e através do Bosque Pedro Medeiros foi o objetivo que delineou minha pesquisa, a qual apresentarei brevemente a vocês.

No primeiro capítulo – Uma educadora ambiental em construção - conto um pouco sobre minha trajetória na Educação Ambiental, como me descobri educadora e os caminhos que me levaram até o Bosque.

O segundo – Caminhos e descaminhos da pesquisa - fala sobre os caminhos seguidos até encontrar os desejos e perguntas que me nortearam. Trago os autores que inspiraram o desenvolvimento dessa pesquisa e faço a descrição das atividades que desenvolvi com as crianças no Bosque.

No terceiro capítulo – Descortinando o universo da pesquisa – descrevo ao leitor o lugar e os sujeitos da pesquisa que desenvolvi.

Optei por deslocar o meu diário de campo, que chamo de diário de encontros, para o corpo do texto, transformando-o no quarto capítulo deste trabalho.

No quinto capítulo – Múltiplos olhares sobre o Bosque – faço alguns apontamentos sobre questões que foram recorrentemente enunciadas pelas crianças no decorrer das atividades.

Concluo meu trabalho com algumas reflexões “finais” sobre os momentos experienciados por mim ao longo dessa pesquisa e o que levo comigo após a sua concretização.

Espero que a leitura deste trabalho seja saboreada e experienciada por todos que se aventurarem a fazê-la. Boa leitura!

## 1. Uma educadora ambiental em construção



O interesse pela Educação Ambiental permeou grande parte de minha vida acadêmica e aos poucos foi mostrando-se como uma possibilidade de atuação que contemplava aquele doce sonho juvenil que me levou a cursar Biologia: o de fazer algo para mudar o mundo. Os primeiros estágios que fiz, logo no começo do curso, foram em projetos de conservação marinha - Projeto TAMAR<sup>1</sup> e Projeto Golfinho Sotalia<sup>2</sup>. Durante este período participei de diversos Congressos, fiz cursos e tive contato com pesquisadores respeitados na área. A conservação marinha mostrava-se como um promissor caminho a ser seguido. Mas o tempo foi passando e com ele o deslumbramento. Aos poucos percebi que o que mais me atraía não era o trabalho de campo em si, mas os momentos em que tinha contato com pessoas, em especial o trabalho desenvolvido com as escolas que iam conhecer os Projetos. Este fato me despertou para a área da Educação, algo não cogitado por mim até aquele momento, afinal, sempre vislumbrei meu futuro profissional vinculado à pesquisa na área de Ecologia.

Quando isto me ocorreu, já na 6ª fase do curso, em 2006, fui procurar uma professora pela qual sempre tive muito carinho e admiração, a professora Vera Lícia Vaz de Arruda<sup>3</sup>, chamada afetuosamente por seus alunos e amigos de Verinha. Ela me ofereceu a oportunidade de desenvolver um projeto de extensão com uma turma de Educação Infantil na Creche São Francisco de Assis, localizada no bairro da Serrinha<sup>4</sup>. O projeto, intitulado “Educação Ambiental como Processo Facilitador de Resgate de Valores Sociais”, buscava através de atividades lúdicas e saídas de campo, sensibilizar as crianças sobre as questões ambientais e auxiliar no desenvolvimento de atitudes e valores, visando a proteção do meio ambiente. As crianças, moradoras de uma comunidade marcada por problemas socioambientais, com seus olhares curiosos e

---

<sup>1</sup> Programa Brasileiro de Conservação das Tartarugas Marinhas, que é executado pelo ICMBio, através do Centro Brasileiro de Proteção e Pesquisa das Tartarugas Marinhas (Centro TAMAR-ICMBio), órgão governamental; e pela Fundação Centro Brasileiro de Proteção e Pesquisas das Tartarugas Marinhas (Fundação Pró-TAMAR), instituição não governamental, de utilidade pública federal. <<http://www.projetotamar.org.br/>> (acesso em 15 de maio de 2007).

<sup>2</sup> Projeto de Conservação e Ecologia do Golfinho *Sotalia fluviatilis* desenvolvido na Área de Proteção Ambiental de Anhatomirim e Baía Norte de Santa Catarina, financiado pela IWC Brasil (International Wildlife Coalition).

<sup>3</sup> Professora aposentada do Departamento de Ecologia e Zoologia, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenava, na época, o Laboratório de Encontros de Educação Ambiental – LEEA.

<sup>4</sup> A Serrinha é uma comunidade de baixa renda que se formou no entorno da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC

gestos de carinho, despertaram em mim algo que as tartarugas e os golfinhos não haviam alcançado: a vontade de lutar por um mundo mais justo e ambientalmente equilibrado. Descortinava-se aí um novo campo de atuação.

Foi neste momento também que passei a ter contato com leituras relacionadas à Educação Ambiental e quando comecei a construir uma visão um pouco mais precisa sobre essa área. Um autor que muito me inspirou foi Marcos Reigota, pois foi o primeiro dos que estudei a me trazer um olhar amplo sobre a Educação Ambiental que incluía as dimensões sócio-econômica, política, cultural e histórica, encarando-a como um processo de educação permanente, dinâmico e interdisciplinar. Essa visão está intimamente ligada a um conceito de meio ambiente que ultrapassa a idéia de ambiente natural. Reigota (1994) define meio ambiente como:

um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade (Reigota, 1994, p.21).

Sendo assim, a Educação Ambiental enquanto educação política deve contribuir na formação de cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres, que auxiliem na resolução dos complexos problemas ambientais (REIGOTA, 1994). Dentro dessa perspectiva política de educação (assim como em qualquer processo educativo) se faz necessária a reflexão sobre a prática. Uma Educação Ambiental que, por mais que se pretenda transformadora, seja instituída de forma normativa, com imposição de pensamentos e atitudes ditos política e/ou ecologicamente corretos, ou que seja a simples transmissão de informações acerca dos problemas ambientais, não alcançará, provavelmente, seus desejos tão almejados.

Como nos disse Arruda (no prelo), teoria e prática complementam-se e a reflexão sobre as mesmas permite-nos caminhar em direção a novas conquistas. A união das experiências vividas (falo em experiência no sentido dado por Larrosa (2002), “aquilo que nos acontece, que nos toca”) em minhas práticas na Creche São Francisco com as leituras, discussões e reflexões não deixou dúvidas que meu caminho estava plenamente entrelaçado à Educação Ambiental. Nesse momento ainda não pensava em meu trabalho de conclusão de curso. Uma certeza, porém, eu tinha: estava construindo-se ali, em meio às brincadeiras com as crianças, contações de histórias, passeios e

trabalhos artísticos, uma educadora ambiental apaixonada pelo que faz e com um desejo imenso de melhorar a cada dia. Restava-me agora encontrar aquilo que iria despertar em mim sentimentos de querer fazer “um algo a mais”, um “querer fazer diferente”, e que se tornaria minha primeira pesquisa na área que escolhi me dedicar. Falo em despertar sentimentos, pois acredito que nossas pesquisas acadêmicas devem entrelaçar razão e emoção.

## **1.2 Os caminhos que me levaram ao Bosque**

Procurando viver novas experiências, iniciei, paralelamente ao projeto de extensão na Serrinha, um estágio no SESC Estreito<sup>5</sup> na área de Educação Complementar, no qual ministrei aulas de Ciências e Biologia para jovens e adultos. No ano seguinte, 2007, dei continuidade ao estágio, mas minhas atividades passaram a estar focadas exclusivamente na Educação Ambiental. Passei a desenvolver um projeto com uma turma de alunos da 5ª. série da Escola Estadual José Boiteux, localizada no Bairro do Estreito. O projeto, denominado de Clube Arte Vida Verde<sup>6</sup>, pretendia através de oficinas, discussões e saídas de campo proporcionar ações para a sensibilização ambiental, preservação cultural e ampliação das atividades de recreação e lazer, de forma lúdica e interdisciplinar, destacando resultados pontuais de melhorias ambientais. A horta escolar foi escolhida como tema norteador das atividades desenvolvidas com o grupo. Além desse projeto também contribuí na organização de uma formação em Educação Ambiental para professores da Creche Joel Rogério de Freitas, localizada no Bairro Monte Cristo, na qual as professoras Verinha e Eloísa Fortkamp<sup>7</sup> participaram como formadoras.

O contato com essas pessoas, as crianças da Serrinha, os jovens do “Clube Arte Vida Verde” e as professoras da Creche, me permitiram lidar com uma realidade de certo modo distante da minha, que são as comunidades de baixa renda. Isso ampliou

---

<sup>5</sup> Unidade do SESC de Santa Catarina, localizada no Bairro do Estreito, Florianópolis – SC.

<sup>6</sup> Projeto lançado em 2001 pelo SESC-SC com o objetivo de informar e redimensionar atitudes e hábitos entre o homem e a natureza, visando o equilíbrio dinâmico, qualidade de vida, o desenvolvimento sustentável e a proteção ambiental. <<http://www.sesc-sc.com.br/educacao/?c=projeto&p=39>> (acesso em 15 de maio de 2007). Dentro deste, cada unidade do SESC determina o grupo e as temáticas que serão trabalhadas, de acordo com a sua realidade, dentro de uma proposta pedagógica comum.

<sup>7</sup> Pedagoga formada pela UFSC. Participou de Projetos de Educação Ambiental junto à professora Vera Lícia Vaz de Arruda.

minha visão de mundo e pude constatar na prática como os problemas sociais pertencem a uma problemática ambiental maior, que não se restringe à preservação da biodiversidade, sem desmerecer a mesma. Comecei, então, a me envolver em algo que sempre me despertou a atenção: a questão da identificação dos sujeitos com as suas comunidades, trabalhando coletivamente para a solução dos problemas locais.

Nesse período, meados de outubro de 2007, surgiu a proposta de desenvolver um projeto de Educação Ambiental no Bosque Pedro Medeiros, localizado no bairro do Estreito. Este parque urbano foi aberto ao público no ano de 2002, mas desde então nenhuma ação educacional efetiva havia sido desenvolvida ali. Para a execução do projeto, firmou-se um convênio entre o SESC Estreito e a Secretaria Regional do Continente, responsável administrativa pelo Bosque.

As ações pensadas para o desenvolvimento do projeto contemplavam: visitas orientadas; trilhas interpretativas; exposição permanente de materiais didático-pedagógicos; criação de hortas e composteira comunitárias; oficinas; apresentações culturais e campanhas de arrecadação de óleo de cozinha, pilhas e baterias, materiais recicláveis e resíduos orgânicos. Com essas ações pretendia-se ampliar a visibilidade do Bosque Pedro Medeiros, contribuindo para a sua preservação e tornando-o um espaço permanente de Educação Ambiental, sendo visitado pela comunidade de entorno e pelas escolas da rede pública e particular. De certa forma o projeto também contribuiria para ampliar as discussões ambientais na região continental de Florianópolis, que sofre com grandes transformações devido ao crescimento urbano desordenado, sendo que as áreas verdes remanescentes são cada vez mais raras.

Por estar envolvida diretamente no desenvolvimento desse projeto desde o princípio e pelo vínculo afetivo que tenho com o continente<sup>8</sup>, região onde morei minha vida inteira, decidi conectar minha pesquisa de conclusão de curso a esse lugar. O Bosque despertou em mim os sentimentos e o desejo de mudança a que me referi anteriormente. Não conseguia compreender como um lugar tão belo aos meus olhos, uma ilha verde em meio ao caos de um bairro tão urbanizado como o Estreito, era pouco valorizado pela sua comunidade de entorno. Foram esses desejos e inquietações que entrelaçaram o caminho de minha pesquisa acadêmica com o Bosque Pedro Medeiros.

---

<sup>8</sup> Nome pelo qual me refiro à porção continental do município de Florianópolis-SC.

## 2. Caminhos e descaminhos da pesquisa



“Seu caminho, cada um o terá que descobrir por si. Descobrirá, caminhando. Contudo, jamais seu caminho será aleatório. Cada um parte de dados reais; apenas o caminho há de lhe ensinar como os poderá colocar e com eles irá lidar. Caminhando saberá... chegará a seu destino. Encontrando, saberá o que buscou.”

Este trecho de Ostrower<sup>9</sup> (1987), retirado do texto de Arruda (no prelo), retrata bem o modo como venho tecendo minha pesquisa. Esta nunca pretendeu seguir um caminho pré-estabelecido, nem seguir receitas metodológicas. Os caminhos e as possibilidades foram construídos ao longo da pesquisa, pois acredito que a Educação Ambiental deve preocupar-se em sua prática com o “por quê” fazer e não apenas aceitar receitas prontas de “como” fazer (BARCELOS & SILVA, 2007). A pergunta inicial, traçada por mim quando decidi escrever esse trabalho, borrou e só agora, depois de ter passado por um longo processo de construção, seguido por diversos caminhos e finalmente ter encontrado o *meu* caminho, é que consigo escrever sobre o que estava buscando desde o princípio.

A definição dos sujeitos de minha pesquisa não foi difícil para mim e está intimamente ligada as minhas práticas anteriores de Educação Ambiental. Foram as crianças que me despertaram para a área da Educação e meu trabalho de conclusão de curso não poderia ser feito de outra forma senão com e para elas.

Em relação aos meus desejos diante da realização desse trabalho, percebo, depois dos deslocamentos ocorridos, que o que me norteou até aqui foi vislumbrar a multiplicidade de olhares e relações tecidas pelas crianças *com* e *através* do lugar da pesquisa, o Bosque Pedro Medeiros. Esse desejo tornou-se a pergunta central de minha pesquisa: como as crianças enxergam e se relacionam com o Bosque. Pretendo mostrar através da Educação Ambiental os diversos fios que estão em jogo nas tramas que vão compondo, recompondo, desfazendo, construindo, desfigurando esse ambiente.

Perpassa esse trabalho, também, um desejo bastante pessoal de despertar nas crianças o sentimento de pertencimento em relação ao Bosque. Sei que isso não será possível de ser respondido através dessa pesquisa, mas não poderia simplesmente esquecê-lo. Deixo-o livre, como uma possibilidade, um desejo futuro.

---

<sup>9</sup> OSTROWER, Faiga. **Criatividade e processos de criação**. 6ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 187p.

## 2.1 Como fazer pesquisa em Educação?

Na minha trajetória até a realização deste trabalho, havia desenvolvido somente práticas em Educação Ambiental. Claro que as leituras e reflexões sempre estiveram presentes, mas não de uma forma que pudesse configurar-se como uma pesquisa acadêmica. Esse trabalho de conclusão de curso apresenta-se como a primeira pesquisa em Educação desenvolvida por mim, por isso as dúvidas de como fazê-la permearam toda a sua realização.

A partir das diversas leituras feitas, um mundo de possibilidades se abriu. Percebi que poderia desenvolvê-la na forma de narrativa, ou seja, contando os modos de fazer a pesquisa, as perguntas que queria responder, as angústias do processo e as reflexões. Nem cogitei outro modo e, apesar de ter sido “treinada” desde a época do vestibular e durante toda a graduação a escrever de modo impessoal, a escrita em 1ª. pessoa me pareceu a mais atrativa e adequada à proposta de investigação que desenvolvia. Na narrativa “a linguagem procura ser trazida como criação e não tentativa de reprodução nua e crua dos fatos, como matéria-prima e não como instrumento de pesquisa” (WUNDER, *et al.* 2007, p.69).

A forma de escrita estava traçada, mas precisava ainda pensar os modos de fazer a pesquisa. Como explicitado anteriormente, não pretendia seguir uma única metodologia e, como colocado por Barcelos (2008), não iria torná-la um mapa que orientasse toda a minha prática pedagógica. Fundamentei minha pesquisa inspirada em alguns autores com os quais me identifico e que se colocam dentro de uma perspectiva pós-moderna e antropofágica de Educação Ambiental, como Valdo Barcelos e Marcos Reigota. Nesta perspectiva pretende-se fugir dos clichês, buscando-se outros olhares. É preciso “inventar, recriar, imaginar, mestiçar, experimentar” (BARCELOS, 2008, p.25). Utilizando a analogia criativa dos antropófagos, devemos *comer, regurgitar e deglutir* apenas aquilo que nos interessa.

Ao assumirmos que a Educação Ambiental é um processo educativo, como tal, ela deve ser um processo coletivo e dialógico de construção do conhecimento, e acima de tudo, deve respeitar a autonomia dos educandos. Pois, como nos disse Freire (1996, p.47), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção”.

Para tentar responder às perguntas lançadas por mim nessa pesquisa, procurei estruturar os momentos de encontro com as crianças no Bosque inspirada nesses

princípios. Não fui buscar em livros de metodologias as atividades que iria desenvolver durante os encontros, elas surgiram de uma construção coletiva minha e de meus orientadores. Claro que não são atividades inéditas e sim fruto de nossas leituras e experiência anteriores, que foram deglutidas por nós e transformadas em algo novo através de nossa criatividade. Essas atividades foram separadas em dois momentos e serão detalhadas adiante.

Apesar de ter uma intencionalidade (ver como os sujeitos enxergam e se relacionam com o Bosque) que perpassa as atividades desenvolvidas, não pretendi controlá-las nem reduzi-las a momentos meramente informativos. Tentei deixá-las abertas, possibilitando outras experiências que vão além da intencionalidade. Segundo Larrosa (2002) a experiência é o que nos acontece, e para que algo nos aconteça uma ruptura se faz necessária. É preciso parar: para pensar, sentir, ouvir, olhar, encontrar a si e ao outro, imaginar, inventar; para transformar aquilo que nos acontece em algo significativo em nosso viver.

Após a realização das atividades construí registros narrativos como forma de relatar os momentos vividos. Esses relatos compuseram meu diário, servindo como base de análise de minha pesquisa. Nele estão contidas, além da seqüência cronológica dos fatos, as falas das crianças, a atmosfera que permeava os encontros, as emoções sentidas.

A importância do registro é definida por Ostetto *et al.*(2001):

Registrar é fazer história, tecer memória. É ouvir, ver e marcar o cotidiano educativo, narrando o movimento do grupo, construindo sentidos e significados. A prática do registro permite ao educador o exercício e o resgate da sua emoção, do seu desejo, da sua sensibilidade, do seu compromisso, da sua competência (Ostetto *et al.*, 2001, contracapa).

A construção do diário, apesar de ser de minha autoria, teve a contribuição de uma outra pessoa, Anna<sup>10</sup>. Ela participou dos dois encontros que tive com as crianças no Bosque, auxiliando-me a registrá-los. Muitos dos detalhes presentes no meu diário devem-se a sua participação. Com seu olhar atento, conseguiu registrar inúmeras falas das crianças, propiciando uma riqueza de detalhes que não conseguiria alcançar se fosse depender somente de minhas memórias ou se tivesse utilizado apenas um gravador.

---

<sup>10</sup> Aluna do curso de Ciências Biológicas da UFSC, Florianópolis – SC.

Nas muitas pesquisas que li sobre Educação Ambiental, os diários estavam colocados em anexo. Em meu trabalho, decidi deslocá-lo para o corpo do texto. Essa decisão foi tomada por acreditar que o deslocamento tornou a leitura mais fluida, facilitando a sua compreensão. Na minha escrita, não há uma preocupação excessiva com a forma. Há sim uma preocupação com o conteúdo, para que esse seja agradável e interessante ao leitor. Por isso, permito-me pequenos desvios da forma tradicional de escrita dos trabalhos de conclusão de curso.

## **2.2 As atividades...**

No início da construção das atividades, não tinha definido ainda a turma com a qual elas seriam desenvolvidas. Elas foram pensadas para se tentar compreender os diversos fios que estão em jogo no modo como as crianças tecem relações com o Bosque. O que estava pré-determinado é que seria uma turma de 3º. ano do Ensino Fundamental de uma escola próxima ao Bosque. A proximidade com o Bosque é justificada pelo fato de que, provavelmente, os alunos seriam moradores do seu entorno. A escolha do 3º ano do Ensino Fundamental ocorreu devido à necessidade do domínio da escrita, que seria contemplada em uma das atividades.

Por ter optado em desenvolver minha pesquisa com crianças de Séries Iniciais, tive que mergulhar em leituras sobre o universo infantil. Essas leituras fizeram-me perceber a importância do caráter lúdico e das emoções no trabalho com as crianças e, por isso, permearam as atividades que planejei. Segundo Hauffe (2003), o caráter lúdico é essencial, pois favorece a construção de experiências, a vivência de emoções, os trabalhos em grupo, a cooperação, a criatividade, a capacidade de observar e raciocinar.

Como nos ensina Dohme (2003), a ludicidade torna o aluno mais receptivo ao processo educacional, pois dá a ele prazer e alegria. Segundo a autora, a participação em uma atividade menos dirigida, de caráter lúdico, em que as próprias crianças são responsáveis pela organização, dá a elas condições para que tenham liberdade de expressarem suas próprias opiniões. Permite que tirem suas próprias conclusões e reposicionamentos e mesmo em grupo, que esse processo ocorra de forma independente. Dohme (2003, p.135) nos diz que “o ambiente lúdico, por sair da realidade, ter um ambiente próprio, livre de tempo e de espaço, dá lugar para a afetividade”.

A vontade de querer despertar emoções, experiências, através das atividades, me fez sentir a necessidade de envolver múltiplas linguagens em sua construção. A história de uma professora, contada por Garcia (2000), inspirou-me e justifica meu desejo de utilizar diferentes linguagens:

“É impossível deixar de contar a história de Dolores, diretora de uma escola na periferia de Salvador e professora no Parque da Pituba, também em Salvador, onde criou uma *Oficina da Natureza*. Tudo o que aparecia no Parque se transformava, nas mãos daquela fada-professora, que fazia se reencontrarem a arte e a ciência, a razão e a emoção, a imaginação e a intuição; que convidava as crianças a explorarem seus sentidos e se descobrirem ao descobrirem coisas desconhecidas da natureza, da vida, de si mesmas; que deixava “correr solta” a imaginação; que, com sua sensibilidade, levava o grupo a viagens fascinantes. Aprendiam brincando, sonhando, criando, explorando, investigando. Iam se alfabetizando em tantas linguagens no mundo mágico do Parque, ao ar livre, sentindo o pulsar da vida na terra, nas árvores, no ar, nas águas, colhendo folhas e flores, apanhando seixos, galhos, pedrinhas. Era ciência o que faziam? Ou era arte? Ou era “apenas” educação em seu sentido mais profundo? Seja que nome se queira dar, o de que não tenho dúvida é que ali se revelava o que de melhor o ser humano é capaz.” (GARCIA, 2000, p.14)

Dei-me a liberdade de transcrever esse trecho do livro de Garcia por ter sido bastante significativo para meu trabalho, por ter me emocionado durante sua leitura e por traduzir em palavras simples o que é ser educadora para mim. Como já expressei anteriormente, acredito que nossas pesquisas devem envolver emoções, sem que isso acarrete na perda de seu caráter científico. No trabalho de Arruda (no prelo, p.3), identifiquei-me com a idéia trazida por Guimarães<sup>11</sup> (2004) sobre a importância do “exercício da emoção, como forma de desconstrução de uma cultura individualista, extremamente calcada na razão e da construção do sentimento de pertencimento ao coletivo, ao conjunto, ao todo”.

Em minha pesquisa, as atividades foram desenvolvidas integralmente no Bosque, um espaço ao ar livre, “natural”. As potencialidades de se desenvolver um projeto de Educação Ambiental num ambiente como o Bosque são enormes, mas não desconsidero aqui a validade e, principalmente, a necessidade, de se desenvolver Educação Ambiental em espaços escolares. Concordo com Barcelos e Noal (1998)

---

<sup>11</sup> GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais**. Campinas: Papirus, 2004. 174p.

quando afirmam que é bastante reducionista a idéia de que as questões ambientais só podem ser trabalhadas em algumas disciplinas, ou fora da sala de aula. Como expressado por eles, acredito que:

uma atividade em sala de aula pode ser muito rica para a educação ambiental, dependendo e muito da nossa capacidade criativa, da nossa capacidade de trazer para as nossas atividades quotidianas em cada disciplina, a discussão dessa temática em suas múltiplas dimensões. (BARCELOS & NOAL, 1998, p.104)

Quando pensei as atividades junto a meus orientadores, tivemos que levar em consideração que as escolas, quando vão ao Bosque, permanecem lá por um período que dura em torno de duas horas. Além disso, era preciso contemplar um momento para lanche e se possível para brincadeiras no parque. Como o caráter lúdico permeia as atividades, acredito que os momentos de brincadeira no parque também devem ser incentivados.

Definimos quatro atividades e decidimos, para um melhor aproveitamento das mesmas, dividi-las em dois momentos, ou seja, em duas manhãs junto às crianças. Como o desejo de provocar experiências permeia as atividades de minha pesquisa, precisava organizá-las de forma a propiciá-las. Como nos ensinou Larrosa (2002), “a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo”, e apesar de não se ter uma medida, esse tempo tentou ser respeitado.

O primeiro momento, denominado de “Re-conhecendo o Bosque”, contemplou uma contação de história sobre esse lugar e o passeio pelas trilhas. O segundo, chamado de “Passado, presente e futuro”, trabalhou com desenhos e imagens, além da construção de uma maquete. Irei agora relatar, inspirada em minhas leituras sobre o universo infantil e minhas vivências anteriores, as atividades que desenvolvi no Bosque, em ordem de execução.

### **2.2.1 Re-conhecendo o Bosque:**

#### *Contação de história*

Lendo o trabalho de Hauffe (2003), deparei-me com uma discussão que prendeu minha atenção: o fato de muitos livros infantis trazerem noções errôneas,

particularmente sobre a Biologia. Claro que isso só é percebido pelos olhares criteriosos dos biólogos, pois no mundo dos “contos de fadas” quase tudo é permitido. Sem a pretensão de adentrar profundamente ao campo dos estudos culturais, percebe-se na literatura brasileira, apesar de muito rica e diversificada, a presença de histórias, em especial as fábulas, que retratam plantas e animais característicos da fauna e da flora de outros países. Além disso, nesses livros há a construção de um imaginário da floresta como um lugar perigoso, como no clássico “A chapeuzinho vermelho”. No seu trabalho, Hauffe utiliza-se do livro de Ângelo Machado “Chapeuzinho vermelho e o lobo-guará”<sup>12</sup> para desconstruir a visão da floresta como local de perigo, além de apresentar inúmeras espécies vegetais e animais, típicas do cerrado brasileiro. Apesar de não ter desenvolvido um estudo mais apurado sobre estes artefatos culturais, posso perceber, na prática, como eles permeiam o imaginário das crianças que vão ao Bosque. Elas, em sua maioria, perguntam se há lobos ali, além de leões e cobras. Também já presenciei crianças que se apavoraram e começaram a chorar ao adentrar nas trilhas. Por tudo isso, e inspirada no livro de Ângelo Machado, pensei na possibilidade de construir uma história que retratasse espécies presentes na Mata Atlântica e que possibilitasse um novo olhar, de amor e respeito pela natureza, desconstruindo a idéia do medo.

Assim, surgiu a primeira atividade dessa pesquisa: uma contação de história sobre o Bosque. Mas meus anseios não paravam por aí, queria contar essa história de uma forma diferente, que despertasse o interesse das crianças e que permitisse uma maior interação com elas. Segundo Dohme (2003), a utilização de alguns recursos enriquece a contação de histórias, aumentando o interesse das crianças, além de oportunizar o contato com outras manifestações artísticas. Inspirada pelo trabalho de Francisco (1999), decidi contar essa história utilizando um flanelógrafo<sup>13</sup>. A escolha deste recurso deveu-se ao fato de permitir a construção da história junto com as crianças, pois os elementos que compõem o enredo vão sendo grudados aos poucos no cenário de fundo, de acordo com o seu desenrolar. Francisco (1999) considera que a técnica do flanelógrafo auxilia no processo de ensino e aprendizagem, pois leva as crianças a visualizarem de forma lúdica, porém não menos séria, as questões que estão sendo tratadas.

---

<sup>12</sup> MACHADO, A. **Chapeuzinho vermelho e o lobo guará**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1993.

<sup>13</sup> “O flanelógrafo é um recurso visual normalmente composto por uma superfície rígida recoberta por flanela ou material semelhante onde são fixadas peças – gravuras (flanogravuras) que também possuem flanela ou lixa no verso o que permite sua aderência” (RESES, 2007).

A contação de histórias constitui-se uma prática de narração oral, que é entendida, segundo Bello (2004, p.158), como “um espaço de recriação simbólica e estética, que ganha sentido como troca entre artista e público, a exemplo de outras artes, numa relação direta.” Dohme (2003, p.28) também afirma que a história funciona “como um veículo de comunicação entre o adulto e a criança”. Construimos imagens mentais a partir da palavra escrita ou ouvida e pretendia, com essa atividade, deixar espaço para que essas imagens pudessem ser relatadas pelas crianças. Por isso, minha história foi estruturada entremeando momentos de narração e momentos em que fazia perguntas às crianças para que me contassem suas histórias (Anexo 01). Assim, a história se compôs unindo a minha fala às falas das crianças, pretendendo dessa forma vislumbrar os modos como elas enxergam o Bosque e que histórias contam sobre ele.

### *Trilhas*

Para adentrar ao espaço do Bosque e conhecê-lo melhor, incluí o passeio pelas trilhas como uma das atividades desenvolvidas. As trilhas presentes no Bosque são curtas, acessíveis a todas as idades e apresentam fortes marcações humanas. Esta atividade configurou-se de maneira diferente da forma como são concebidas a maioria das trilhas voltadas para a Educação Ambiental, principalmente as presentes em áreas de preservação. Sendo assim, pretendi não direcionar olhares nem pré-determinar paradas. Tentei assumir o papel apenas de guia do caminho, como sugerido por SAMPAIO & GUIMARÃES (2007), sem assumir a postura do guia como um monitor vigilante e disciplinador, que estabelece regras de conduta a serem seguidas pelos sujeitos visitantes. A única coisa solicitada às crianças era que observassem o lugar. Como uma pesquisadora que se coloca como parte integrante da pesquisa não hesitei em interferir quando solicitada e/ou sentisse a necessidade e estava ciente de que mesmo que não quisesse assumir um papel disciplinador, só a minha presença já configurava essa postura.

Esta atividade, assim como todas de minha pesquisa, estava aberta, a fim de que os alunos circulassem livremente pelas trilhas, parando no momento que quisessem, durante o tempo que achassem necessário, deslocando o olhar para onde tivessem vontade. A única coisa pré-estabelecida era o caminho a ser seguido, as Trilhas de Cima, do Guarapuvu e do Café (Anexo 02). Desejava assim possibilitar novas sensações, descobertas e encantamentos. Ao final pedi para que relatassem

individualmente e de forma escrita o que mais lhes chamou atenção no decorrer das trilhas.

### **2.2.2 Passado, presente e futuro:**

#### *Desenhos e Imagens*

Uma das primeiras possibilidades de atividade que surgiu após discussões com meus orientadores foi trabalhar com fotos aéreas da região em diferentes épocas, para que as crianças, os sujeitos de minha pesquisa, se apropriassem das transformações ocorridas neste espaço. Fui atrás destes materiais, mas a princípio não encontrei nada que me parecesse didático o suficiente para realizar uma atividade com este objetivo. As fotos que encontrei no acervo do IPUF (Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis) retratavam uma ampla área do continente, e até mesmo eu, que tenho um razoável conhecimento da região, tive dificuldades em localizar o Bosque.

Parti, então, em busca de fotos antigas do Bairro do Estreito, principalmente de regiões próximas ao Bosque ou até mesmo deste, mas não estava convencida de que essa seria a melhor forma de trabalhar as transformações do espaço. Foi quando um amigo me falou da existência de uma página sobre geoprocessamento<sup>14</sup> no site da Prefeitura<sup>15</sup>, com imagens aéreas de Florianópolis desde a década de 30. Com esta ferramenta pude selecionar exatamente a área que queria mostrar (o Bosque e seu entorno) em duas épocas bastante distintas (1938 e 2007) (Anexo 03).

Para transformar essas imagens num material que pudesse ser facilmente visualizado e manuseado pelas crianças, fiz a impressão das mesmas em uma folha A3 e plastifiquei-a. Cunha (2002) nos fala da importância de utilizar imagens nos trabalhos com crianças:

É fundamental desvelar o repertório de imagens objetivas e subjetivas, o mundo real e o da fantasia que cada criança traz de seus contextos socioculturais, pois são a partir das imagens particulares que o repertório imagético será ressignificado (CUNHA, 2002, p.14).

---

<sup>14</sup> O geoprocessamento é o processamento informatizado de dados georreferenciados. Utiliza programas de computador que permitem o uso de informações cartográficas (mapas, cartas topográficas e plantas) e informações a que se possa associar coordenadas desses mapas, cartas ou plantas. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Geoprocessamento>. (Acesso em 01 de novembro de 2008).

<sup>15</sup> Site: <http://www.pmf.sc.gov.br/>

A atividade ainda não estava completa. Não queria apenas mostrar imagens, gostaria também de conhecer as imagens que as crianças criam sobre a transformação desse lugar. Decidimos então trabalhar com desenhos, para que através deles expressassem suas imagens. Acredito que através do desenho as crianças expressam o que estão sentindo e o que foi realmente significativo para elas. Francisco (1999) define bem o significado do desenho infantil:

Desenhar é uma forma de expressão comum a todas as crianças, e através dele, elas comunicam muitos aspectos de sua visão de mundo. Desenhar também é uma forma de brincadeira, onde a imaginação está à solta para projetar o seu espaço, e de certa forma, desenhando ela conta a sua própria história (FRANCISCO, 1999, p.44).

Para que os desenhos representassem as imagens das crianças, sem a influência das imagens que seriam mostradas por mim, optamos por realizá-los primeiro. A proposta consistiu no seguinte: cada um deveria desenhar como achava que era a região do Bosque e seu entorno antigamente. Por ter uma pergunta a ser respondida através do desenho, trata-se de um desenho dirigido, definido por Yolanda (2000) como aquele que responde a uma sugestão de atividade. Isso não impede a livre expressão por parte dos alunos, pois não estava dito *o que* eles deveriam desenhar e nem pretendia isso.

Para facilitar o trabalho com as imagens decidimos dividir os alunos em grupos menores. Esses grupos foram formados logo no início da atividade, por isso no momento do desenho, que era individual, eles já estavam divididos em grupo. Escolhemos realizá-la dentro das salas do Museu do Presépio pelas melhores condições de desenvolvimento que ofereciam e também por querer ambientá-la. O Museu é uma antiga edificação de estilo açoriano que, apesar das reformas feitas, ainda traz marcas do passado, como um fogão à lenha e um poço de captação de água.

### *Maquetes*

Dentro da proposta de se trabalhar as múltiplas linguagens, optamos por desenvolver uma atividade que se enquadrasse como um trabalho mais manual, a construção de uma maquete. Como colocado por Yolanda (2000, p.84) “assim como a criança gosta de observar o trabalho de alguém, ela também precisa usar as mãos, o

corpo, experimentar...” Precisávamos ainda, definir qual a intencionalidade dessa atividade, sempre permitindo que novas experiências pudessem ser vividas.

Pensamos que as maquetes poderiam representar o que as crianças esperam sobre o futuro do Bosque, seus desejos em relação a esse lugar, revelados através de suas mãos. Com a seguinte proposta, definimos a última atividade de minha pesquisa: os alunos, em seus grupos, deveriam representar através de uma maquete como o Bosque e seu entorno estariam no futuro. Para a confecção da mesma disponibilizei às crianças alguns materiais: uma base de isopor para cada grupo, argila, palitos e papel crepom.

A proposta de construção da maquete por um grupo de crianças visava além do trabalho manual, oportunizar o trabalho coletivo, a troca, o diálogo, a cooperação. Concordo com Yolanda (2002), quando afirma que na prática educacional é importante a alternância de atividades, ora individuais, ora coletivas.

### 3. Descortinando o universo da pesquisa: o Bosque Pedro Medeiros



*“Os Bosques precedem aos povos, os desertos os seguem”.*

Chateaubriand

O Bosque Vereador Pedro Medeiros está localizado no Bairro do Estreito, considerado um dos principais bairros do município de Florianópolis, não só por apresentar uma maior densidade demográfica, mas, especialmente, pelo seu comércio bastante dinâmico (SOARES, 1990). Até a década de 1930 a região do Estreito era formada por enormes chácaras que foram sendo loteadas, transformando-se em bairros e ruas, fato que aos poucos modificou o seu traçado original espacial e alterou completamente a fisionomia provinciana do bairro (SOARES, 1990). Como não havia um plano diretor compatível com essa nova realidade, o crescimento urbano ocorreu de forma desenfreada e totalmente desordenada. Nesse panorama, as áreas verdes que existiam em tempos remotos, nas antigas chácaras, foram quase em sua totalidade sendo substituídas por casas, prédios e estabelecimentos comerciais.

Segundo o Plano Diretor<sup>16</sup> de Florianópolis de 1998, não há nessa região nenhuma área de preservação permanente, nem área de preservação com uso limitado e o pouco que sobrou da vegetação nativa encontra-se atualmente sob o status de área verde de lazer. Muitas dessas áreas estão, atualmente, transformadas em terrenos baldios, enquanto outras pertencem às Forças Armadas, sendo o acesso da comunidade proibido nesse caso (Agenda 21 Local<sup>17</sup> de Florianópolis, 1998). O Bosque Pedro Medeiros é considerado pela Agenda 21 de Florianópolis<sup>18</sup> como sendo a mais importante área verde de lazer do ponto de vista ecológico. Isso deve-se ao fato de possuir aproximadamente 10.000m<sup>2</sup> de área remanescente de Mata Atlântica (Floresta Ombrófila Densa<sup>19</sup>) em estágio secundário de regeneração. Caracteriza-se por sua

---

<sup>16</sup> Lei que estabelece como uma cidade deve se desenvolver e se organizar, com regras, prioridades e prazos a serem cumpridos. Atualmente Florianópolis passa por um processo de construção do Plano Diretor Participativo.

<sup>17</sup> A agenda 21 Local é um processo baseado na construção de parcerias entre autoridades locais e outros setores da sociedade para formular e implementar estratégias de desenvolvimento sustentável, conforme diretrizes estabelecidas na Eco 92. Trata-se de uma agenda de ações a serem implementadas para enfrentar adequadamente os grandes desafios do século 21, conciliando conflitos entre proteção ambiental, desenvolvimento econômico e justiça social.

<sup>18</sup> Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/portal/pmf/prefeitura/agenda21/agenda21.pdf> (acesso em 03 de maio de 2008).

<sup>19</sup> Floresta é uma comunidade de vegetais em que as árvores são dominantes; Ombrófila significa amigo da chuva, Densa corresponde à fisionomia da floresta, onde as copas das árvores se tocam, logo Floresta Ombrófila Densa significa Floresta Pluvial Densa (SEVEGNANI, 2002).

elevada densidade e heterogeneidade em espécies, que além de constituir um rico patrimônio genético, abriga e produz alimentos a um grande número de espécies faunísticas (BRUM *et al.*, 2002). O Bosque contempla ainda trilhas ecológicas, um parque infantil e uma antiga edificação, “construída provavelmente no século XIX, com características luso-brasileiras, de linhas singelas, representativas das habitações de área rural, tipologia da qual restam ainda somente algumas casas no Estreito” (IPUF, 1999, p.9). A edificação servia originalmente como residência e atualmente abriga o Museu do Presépio.

O Bosque é permeado de marcações humanas: as trilhas são varridas diariamente, apresentando-se impecavelmente “limpas”; há a introdução de espécies “exóticas”, tanto animais quanto vegetais; ao longo de seus caminhos é possível observar as construções urbanas que sufocam o seu espaço; os sons caóticos da cidade misturam-se ao canto dos pássaros. Identifiquei-me com o trabalho de Serrão-Neumann (2007) sobre a Mata de Santa Genebra, que aborda o conceito de paisagem. Inspirada na autora acredito que esse território (o Bosque) configura-se, também, como uma paisagem, um produto histórico resultante das interações estabelecidas entre nós seres humanos e o mundo natural.

Um número maior de pessoas da comunidade frequenta o Bosque nos fins de semana, quando as famílias vão para lá fazer piqueniques e brincar no parque infantil. Durante a semana o público que circula pelo Bosque é composto em sua maioria por alunos de escolas visitantes. As escolas agendam a visita por telefone e responsabilizam-se por conseguir seu próprio transporte. Ao chegarem lá são recepcionadas por um dos estagiários que realiza uma fala inicial sobre aquele espaço em que elas estão adentrando. Em seguida são levadas a conhecer as instalações do Bosque: o Museu do Presépio, a horta de plantas medicinais e o viveiro de pássaros. Galinhas e coelhos andam soltos pelo Bosque e são um grande atrativo para as crianças. Tenho, entretanto, minhas críticas pessoais à introdução destas espécies devido ao impacto que causam na mata, além de destruírem a horta que mantenho com tanto carinho e cuidado. Depois, as crianças são guiadas pelas trilhas, onde têm contato com algumas espécies nativas da Mata Atlântica, como o imenso guarapuvu<sup>20</sup> que está

---

<sup>20</sup> O guarapuvu, *Schizolobium parahyba*, é uma árvore da família das Fabáceas, sub-família Caesalpinoideae. Chega a atingir 30 metros de altura e sua madeira era muito utilizada para a confecção de embarcações do tipo canoa. É considerada a árvore símbolo do município de Florianópolis. <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Guapuruvu>> (acesso em 20 de junho de 2008).

situado bem no meio de uma das trilhas. Algumas dinâmicas de sensibilização, oficinas e brincadeiras são desenvolvidas de acordo com temáticas ambientais. Por fim, as crianças fazem um piquenique e vão brincar no parque. A visita dura em torno de duas horas.

Repeti a palavra “visita” por algumas vezes, não por olhar as pessoas que circulam pelo Bosque apenas como visitantes, mas por acreditar que o modo como estão conformadas as ações desenvolvidas ali instituem um jeito de se relacionar com esse espaço. Um visitante se relaciona com um determinado território, mas não se apropria dele por não se sentir parte do mesmo, por sentir-se estrangeiro, alheio às suas necessidades. Meu trabalho consiste numa tentativa de desconstrução dessa idéia de visitação tão presente em nossa sociedade. Para observar os múltiplos olhares e relações das crianças com o Bosque preciso dar oportunidade para isso, deixando-as livres, provocando estranhamentos, descobertas. Numa visita há um único olhar e uma única forma de relação em jogo, a de visitante.

Após apresentar o Bosque, pretendo agora abordar os caminhos que levaram à sua criação e que podem nos ajudar a compreender melhor a sua situação atual. Segundo o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis - IPUF (1999), inicialmente essa propriedade pertencia à Mitra Arquidiocesana<sup>21</sup> que mantinha um caseiro como morador. Em março de 1978 a Prefeitura de Florianópolis promoveu a desapropriação do imóvel. Porém, este passou a integrar definitivamente o patrimônio do município somente no início de 1999. Durante esse período, o caseiro, Sr. Pedro Emídio da Silva, entrou com diversas ações de usucapião<sup>22</sup>, que foram sempre julgadas improcedentes. Com toda essa disputa judicial, o Bosque só foi aberto ao público em 23 de março de 2002. Ele foi criado pela Lei 3.409 de 26 de junho de 1990 e com base no Decreto nº 1370, de 27 de março de 2002, foi tombado passando a fazer parte do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município (Anexos 04 e 05).

---

<sup>21</sup> Todo terreno adquirido por uma igreja é escriturado em nome de uma pessoa jurídica denominada “Mitra Arquidiocesana”. Conta-se que certa vez, o Padre Quinto, figura ilustre da história do Estreito, observava do alto de um barranco os terrenos pertencentes à Igreja Nossa Senhora de Fátima, quando passou um transeunte. O Padre questionou-lhe se sabia quem era o dono de todas aquelas terras e ouviu a seguinte resposta: “Sim, o padre dessa Igreja (Nossa Senhora de Fátima) comprou para uma moça, a Mitra. Dizem que ela é a mulher do Padre.” (SOARES, 1990).

<sup>22</sup> O Usucapião (cujo significado vem do latim usu + capere, isto é, adquirir pelo uso, pela posse) é a aquisição da propriedade em decorrência do lapso temporal.

No decorrer de minha pesquisa deparei-me com detalhes dessa história que não constavam em nenhum dos documentos referentes ao Bosque. Não sei se posso chamá-la de uma outra versão, mas traz olhares e vozes silenciadas na versão “oficial”. Para contá-la irei transcrever o trecho extraído da agenda 21 de Florianópolis:

“O Bosque fica no terreno onde está construída a residência e sede da antiga chácara do senhor Felipe Neves, personagem histórico dessa região. Na área, dessa antiga chácara, surgiu o bairro de Fátima, o colégio Nossa Senhora de Fátima e o Hospital Florianópolis. Segundo o relato de Ilza Brognoli, as terras, da referida chácara, "perdiam-se de vista, com árvores grandes e frondosas, algumas cobertas de cima a baixo de barba-de-velho". Depois, aquela área foi loteada, restando intacta apenas a sede, que se tornou propriedade da Mitra Arquidiocesana durante muitos anos, passando a ser, hoje em dia, área verde de lazer, sob o controle da prefeitura municipal de Florianópolis. Um caseiro cuidou da chácara, como até hoje é conhecida a área, durante 30 anos, proibindo a entrada de pessoas, o corte de árvores e a captura de animais, especialmente aves, mas em 1999, esse caseiro e sua família, com dois filhos doentes mentais, foram transferidos para outra área, na Vargem Grande, fazendo com que a comunidade discordasse desse procedimento das autoridades e tomasse a defesa do caseiro, cuja saída deixou-os incertos quanto ao futuro da chácara ... No caso do parque Pedro Medeiros, que até recentemente era denominado parque ecológico Padre Horn, ninguém da comunidade local - nem mesmo os moradores da área de entorno - foram informados a respeito do objetivo das obras que ali se faz, não havendo a apresentação de projeto para a comunidade e nenhuma explicação, demonstrando que o IPUF e a Secretaria do Continente estão desencorajando a participação pública. Do pouco que se sabe é que irão reformar a antiga casa do senhor Felipe Neves e transformá-la em um museu do Presépio, enquanto isso a segurança do parque é precária e os casos de prostituição e consumo de drogas durante a noite e fins de semana estão se tornando frequentes, conforme pode ser averiguado nos boletins de ocorrência das delegacias da região”.

Este documento foi redigido antes da abertura do Bosque ao público, no período em que estavam sendo feitas as adequações necessárias para transformá-lo numa área verde de lazer. Hoje o Bosque conta com segurança e não há mais registros de prostituição e consumo de drogas. Mas acredito, e ressalto ser uma opinião bastante pessoal, que o fato da comunidade de entorno não ter recebido nenhum esclarecimento

sobre o projeto que seria implantado ali reforçou o desinteresse por aquele espaço. Claro que há outros fatores em jogo.

Não realizei nenhum tipo de entrevista, mas informalmente sempre questioneei às pessoas se já haviam ido ao Bosque. A resposta quase sempre era “não”, inclusive daqueles que moravam bem próximos a ele. Tentar fazer algo para modificar essa situação foi a intencionalidade política que impulsionou minha pesquisa e o jogo de palavras utilizado por mim no título do trabalho “Um Bosque com vida” expressa o que sinto por esse lugar. Um lugar cheio de vida que convida-nos a adentrar ao seu espaço, conhecê-lo, experienciá-lo, deixando-se pertencer a ele.

### **3.1 A turma escolhida**

A série já estava definida. Restava agora decidir de qual escola seria e ir fazer o convite para participar de minha pesquisa. Há próximas ao Bosque pelo menos três escolas públicas de Ensino Fundamental. A decisão de qual delas iria contactar primeiro foi meio ao acaso. Uma funcionária do Bosque, num certo dia, pediu minha ajuda para preencher uma ficha de solicitação de vaga para o seu neto no Centro Educacional Padre Jordan, conhecido pela sigla CEPAJÓ. Ela me falou muito bem da escola, dizendo que gostaria que seu neto estudasse lá. Seu relato despertou minha atenção e me fez lembrar de que já havia recebido uma turma dessa instituição no Bosque e que tinha sido um momento muito agradável. Não tive dúvidas e fui até a escola apresentar meu projeto.

No primeiro contato que tive não consegui falar com a Coordenadora, mas saí de lá com a promessa de que ela receberia o projeto. Retornei no dia seguinte e para minha surpresa nós já nos conhecíamos do dia em que a escola foi ao Bosque. Ela já havia lido o projeto e manifestou bastante interesse, porém precisaria da autorização da Diretora do Colégio Nossa Senhora de Fátima. Aqui cabe uma explicação: o CEPAJÓ é uma instituição de ensino mantida pelo Nossa Senhora de Fátima, um tradicional colégio particular do município de Florianópolis. Segue o relato da Coordenadora do CEPAJÓ, Catiane Propodoski:

“O Colégio Nossa Senhora de Fátima, no ano de 2005, para executar o projeto Social de Educação da sua mantenedora e atender a necessidade da comunidade, criou um anexo da escola, localizado na Rua Coronel Caetano Costa, 501, no Bairro Coloninha – Florianópolis, denominado CEPAJÓ. O

nome foi dado em homenagem ao fundador da Congregação Salvatoriana: Padre Francisco Maria da Cruz Jordan. O CEPAJÓ tem por finalidade atender aos alunos provenientes de famílias da comunidade comprovadamente carentes; oferecendo oportunidade de mais vida e esperança, voltando o olhar para os menos favorecidos e acreditando que um mundo melhor é possível, se tivermos coragem de acreditar que as pessoas podem se modificar e crescer.”

Espeiei ansiosamente o retorno da Coordenadora, que me ligou alguns dias depois confirmando a participação da turma de 3º. ano nas atividades de minha pesquisa. Marcamos as datas dos dois encontros e entreguei a ela o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, que deveria ser assinado pelos pais para que autorizassem a utilização das falas e imagens das crianças em meu trabalho. (Anexo 6)

Por se tratar de uma pesquisa desenvolvida fora do espaço escolar não tive um contato prévio com a turma antes da ida deles ao Bosque. Minhas atividades não estavam previstas no planejamento da professora e ela, por boa vontade e por considerar que seria importante para eles, autorizou-os a que participassem, no período de aula, de dois momentos de atividades extra-classe no Bosque Pedro Medeiros. Ressalto que as atividades foram planejadas por mim, sem qualquer envolvimento da escola.

O que sabia de antemão pelo relato da professora é que a turma era composta de 30 alunos e que, possivelmente, a maioria deles já havia ido ao Bosque, o que não prejudicava a pesquisa. O que sei sobre essa turminha agora é fruto dos dois momentos de encontro que tivemos e apesar do rápido convívio, sentimentos de afeto foram despertados.

## 4. Diário de Encontros



*“A vida é a arte do encontro  
Embora haja tanto desencontro pela vida”.*

Vinícius de Moraes

Iniciei meu diário com a bela frase de Vinícius de Moraes, retirada da canção “Samba da benção” para tentar justificar a alteração do título de “diário de campo” para “diário de encontros”. Acredito que este simboliza melhor os momentos vivenciados por mim e pelas crianças. Momentos de encontros, de trocas, de experiências...

Nesse diário estão registrados os dois dias de atividades desenvolvidas no Bosque Pedro Medeiros. Não se trata de um relato descritivo apenas. Tentei narrar em meu diário a atmosfera dos encontros, os sentimentos que perpassaram esses momentos, as descobertas, os conflitos. Não cito os nomes das crianças para preservar o anonimato das suas falas e por acreditar que para meu trabalho o mais importante é o que foi dito e não quem o falou. Os diálogos presentes aqui não são transcrições das falas, pois não houve nenhum tipo de gravação. São narrativas daquilo que foi pronunciado por mim e pelas crianças durante nossos encontros.

### **26 de Setembro de 2008: primeiro encontro**

Chegou o momento tão esperado do meu Trabalho de Conclusão de Curso, o dia em que recebi as crianças no Bosque para dar sentido a todas as discussões que permeiam essa pesquisa. Foram dois meses de preparação, repensando as atividades que estavam previstas no Projeto, a definição da turma com que iria trabalhar e toda a preparação dos materiais que seriam utilizados. Essa última não foi uma tarefa fácil. Tive que despertar um lado artístico que estava um tanto adormecido em mim nesses últimos meses, pois as leituras e discussões pertinentes ao TCC tomavam praticamente todo o meu tempo livre. Por isso, na semana que antecedeu a realização das atividades no Bosque minha vida acadêmica precisou reduzir seu ritmo. Voltei-me totalmente para um mundo de tecidos, pincéis e tintas coloridas. Não posso deixar de ressaltar aqui a importante ajuda que tive de minha mãe, desenhando, pintando e bordando comigo, sempre com um sorriso no rosto. O resultado foi gratificante, nosso flanelógrafo ficou lindo!

A noite que antecedeu a ida ao Bosque foi de bastante ansiedade. Quase não dormi e quando o despertador tocou pulei da cama. Precisava chegar cedo, pois tinha

muita coisa para preparar. Quando cheguei ao Bosque a Anna já estava me esperando. Preparamos tudo e fomos para a entrada do Bosque esperá-los. A ansiedade era grande, parecia que era a primeira vez que iria receber uma turma ali. Mas por outro lado era. Apesar de estagiar no Bosque desde o início do ano e já ter trabalhado com inúmeras turmas, essa era a primeira vez que as atividades desenvolvidas por mim nesse lugar seriam usadas como objetos de pesquisa. Sem contar meu medo de que alguma coisa desse errado. Não um medo de que os alunos fugissem ao meu controle, pois não pretendia tê-lo. Estava aberta às surpresas que surgissem, pois como me disse uma professora certa vez, possibilitar experiências *requer deixar as coisas ao sabor dos ventos, correntes, forças... Nunca se sabe onde irá chegar com uma experiência*. O meu medo estava diretamente relacionado à minha atuação, medo de gaguejar, esquecer a história, não saber responder alguma pergunta, mas principalmente de que minha presença, minhas falas, impossibilitassem de alguma forma as experiências dos alunos. Queria deixá-los livres para novas sensações, descobertas, novos olhares...

Em meio aos meus devaneios comecei a ouvir os sons das crianças chegando. Logo os visualizei no portal de entrada do Bosque e a primeira impressão que tive foi um tanto apavorante. Eram muitas crianças... Porém, assim que entraram, seus olhares curiosos e receptivos me acalmaram. Prontamente fui conquistada por eles ao ouvir falarem em coro: *“bom dia flor do dia”*. Perguntei se a flor do dia era eu e diante da afirmação de todos agradei e retribui o caloroso “bom dia”. Eram 28 crianças, duas haviam faltado. Apresentei-me e perguntei a eles se já tinham vindo ao Bosque. Todos responderam que sim. A Coordenadora do colégio já havia me dito que a turma deles tinha ido lá no ano anterior. Falei rapidamente da minha proposta, contando que seria um pouco diferente das outras vezes que eles tinham ido até lá. Apresentei a Anna e o Daniel, estagiário do Bosque, e disse que eles me ajudariam a desenvolver as atividades e que iriam fotografá-los. As crianças pareciam animadas com o passeio e nesse clima de descontração levei-os até a barraca onde seria realizada a primeira atividade.

Chegando lá pedi para que sentassem no tapete para iniciarmos a contação de história. Comecei apresentado a eles o flanelógrafo e expliquei que esse nome tão complicado devia-se ao fato dele ser feito de flanela. As crianças perguntaram-me curiosas o que era flanela e um diálogo se iniciou:

- **Crianças:** *É bem lisinho, né?*
- **Crianças:** *É tipo um cobertor.*
- **Crianças:** *Parece com esse tapete.*

- **Eu:** *É parece mesmo! Ele é meio peludinho.*

- **Eu:** *E para que serve o flanelógrafo?*

- **Crianças:** *Para fazer arte.*

- **Crianças:** *Fazer um filme.*

- **Crianças:** *Para contar história.*

- **Eu:** *Serve para tudo isso! Hoje eu vou utilizar ele para contar uma história a vocês.*

A professora comentou que já haviam usado um flanelógrafo na escola e um aluno prontamente lembrou que eles o utilizaram para estudar o ciclo da água.

- **Eu:** *E o que representam as cores do flanelógrafo? (marrom, verde e azul).*

- **Crianças em coro:** *Terra, grama e céu.*

- **Eu:** *Isso mesmo!*

Alguns perguntaram se o azul não era o mar.

Fiquei muito feliz com essa participação inicial deles e reforcei que para eu conseguir contar a minha história precisava muito que eles me ajudassem contando o que sabiam. Pareciam animados em poder ajudar e a cada pergunta que fazia levantavam o dedo ansiosos para serem chamados a se pronunciar. Não havia pedido para que levantassem o dedo antes de falar. Esse deve ser um costume vindo da escola, o que não posso negar que facilitou bastante na compreensão e no registro do que estavam contando. Claro que houve momentos em que todos falaram ao mesmo tempo, virando uma verdadeira bagunça. Algo que para mim era até divertido, pois ficava feliz em ver a empolgação com que contavam as suas histórias. Alguns desses momentos foram reprimidos pela professora pedindo para que fizessem silêncio e prestassem atenção.

Iniciei a história contando sobre os personagens principais, Dudu e Carol:

- **Eu:** *Dudu e Carol moram no Bairro do Estreito, esse aqui que nós estamos agora.*

- **Eu:** *Quem daqui mora no Estreito?*

Grande parte respondeu que sim.

- **Eu:** *E quem não mora aqui, mora onde?*

Coloninha, Floresta e Monte Cristo foram os outros bairros citados.

- **Eu:** *E tem alguém que mora na Ilha, lá do outro lado da ponte?*

Apenas uma criança respondeu que sim, mas foi logo corrigida pela professora. Continuei falando que morávamos todos no continente e que esses bairros citados eram

bastante próximos e parecidos, que até se confundiam, não sabendo direito onde começa um e termina o outro. Perguntei então como eram esses bairros:

- **Crianças:** *Estão construindo uma estrada para os ônibus subirem...*
- **Crianças:** *Estão asphaltando as ruas, tem obra.*
- **Crianças:** *É, tem muita obra.*
- **Crianças:** *No Monte Cristo estão fazendo uma Igreja perto da minha casa!*
- **Eu:** *É tem obras, estradas. E casas e prédios, têm muito?*
- **Crianças em coro:** *Tem!*
- **Eu:** *E carro, tem? Tem ônibus?*
- **Crianças em coro:** *Tem!*
- **Eu:** *Tem escola?*
- **Crianças em coro:** *Tem!*
- **Eu:** *Tem árvore também?*

Dessa vez não responderam tão enfaticamente, mas a maioria disse que sim. Perguntei então se há mais casas ou árvores. Responderam em coro e unanimemente que existem mais casas. Durante esse diálogo fui montando no flanelógrafo uma cena que representava o ambiente urbano, com casas, prédio, escola, carros, ônibus. Dei continuidade à história:

- **Eu:** *Num belo dia de sol, Dudu e Carol resolveram passear no Bosque, que fica próximo a casa deles. Prepararam uma cesta de piquenique e foram.*

- **Eu:** *Quem sabe o nome desse Bosque aqui?*

- **Crianças em coro:** *Bosque Pedro Medeiros.*

Fiquei surpresa, geralmente mesmo as crianças que já conhecem o Bosque não se recordam do seu nome quando pergunto a elas.

- **Eu:** *Alguém já veio aqui sem ser com a escola?*

Vários levantaram a mão. Fiquei surpresa novamente e perguntei com quem vieram e o que fizeram. Muitos queriam falar e contaram que já tinham vindo com a família, amigos, com os projetos extra-curriculares de que participam, com outras escolas, e que fizeram piquenique e brincaram no parque. Realmente fiquei impressionada, pois não esperava tantos relatos de idas ao Bosque. Eles demonstravam em suas falas certa familiaridade com aquele espaço. Continuei com minhas indagações:

- **Eu:** *Vocês já foram em algum lugar parecido com o Bosque?*

A maioria respondeu que não, mas alguns tinham relatos para fazer. Uma menina contou sobre um lugar que tinha ido onde havia um lago com tartarugas.

Perguntei se era o Parque do Córrego Grande e ela respondeu meio em dúvida que sim. Outro menino contou sobre uma ida ao zoológico em que viu jacaré, tartaruga, leão, coelho e várias árvores. Depois de contarem as suas histórias voltei a falar do Bosque:

- **Eu:** *E aqui no Bosque tem o quê?*

- **Crianças em coro:** *Coelhos! Galinhas!*

Todos responderam repetidas vezes o nome desses animais com bastante entusiasmo, como se fossem as únicas coisas presentes naquele espaço. Refiz minha pergunta:

- **Eu:** *Mas só tem bicho aqui?*

- **Crianças em coro:** *Tem!*

- **Eu:** *Tem? Só bicho?*

A resposta não veio tão rapidamente. A professora falou para olharem ao redor. As crianças viraram-se para observar o Bosque e perceberam a presença de outros elementos:

- **Crianças:** *Tem árvore. Casa. Lixeiras.*

- **Eu:** *E o que tem em maior quantidade?*

- **Crianças em coro:** *Árvores!*

Aproveitei o momento para contar um pouco sobre algumas espécies vegetais presentes no Bosque. Enquanto contava a história e colocava as gravuras no flanelógrafo (palmito, jabuticabeira, guarapuvu, embaúba, ipê amarelo e bromélia) um diálogo se estabeleceu:

- **Eu:** *Dudu e Carol ao entrarem no Bosque perceberam que aqui existia uma variedade enorme de plantas da Mata Atlântica.*

- **Crianças:** *É uma bananeira?* (referindo-se ao palmito)

- **Crianças:** *Não, é um coqueiro!*

- **Eu:** *Para conhecer melhor as espécies que existem aqui Dudu e Carol decidiram caminhar pelo Bosque prestando atenção nas plaquinhas de identificação que diz o nome de cada uma delas.*

- **Crianças:** *Igual aquela ali?* (apontando para uma)

- **Eu:** *Sim.*

- **Eu:** *Vocês querem saber um pouco sobre essas plantas?* (referindo-me as que estavam no flanelógrafo)

- **Crianças em coro:** *Sim!*

Porém o entusiasmo das crianças foi menor do que quando falavam sobre os coelhos e as tartarugas.

- **Eu:** *Então quem aqui conhece a Mata Atlântica?*

O nome lhes pareceu familiar e vários levantaram a mão querendo contar o que sabiam.

- **Crianças:** *Nós vimos na escola!*

- **Crianças:** *Os portugueses destruíram tudo.*

- **Crianças:** *Tinha no litoral aqui.*

- **Crianças:** *Destruíram pra fazer casas.*

Parecia que a Mata Atlântica não existia mais para eles. Continuei falando sobre as plantas do Bosque:

- **Eu:** *Que plantas têm aqui?*

- **Crianças:** *Bambuzal, tem bambu.*

- **Crianças:** *Tem bananeira.*

- **Crianças:** *Tem uma flor rosa ali!*

- **Eu:** *É a maria-sem-vergonha!*

Eles acharam graça do nome.

- **Eu:** *Querem saber o nome dessas árvores? Esse é o guarapuvu.*

Eles repetiram o nome em coro.

- **Crianças:** *Tem um desse lá embaixo.* (Referindo-se a um imenso guarapuvu que tem no meio de uma das trilhas).

- **Eu:** *Esse é o ipê amarelo.*

- **Crianças:** *Ah, parece a marca do sabão!*

- **Crianças:** *Do detergente também!*

Comentaram entusiasmados com mais um nome familiar.

- **Eu:** *Essa aqui que vocês achavam que era coqueiro, é um palmito!*

- **Crianças:** *Que nasce o palmito!*

- **Eu:** *É. Antes dele ir pro vidro de conserva ele é retirado do tronco dessa árvore.*

- **Eu:** *Essa é a embaúba, tem uma ali atrás do orelhão!*

Todos repetiram o nome e olharam para trás curiosos tentando encontrá-la. Chamei atenção para o formato das folhas e eles rapidamente a reconheceram.

- **Eu:** *E esses pontinhos, o que são?* (mostrando as jabuticabas na árvore do flanelógrafo).

- **Crianças em coro:** *Fruta!*
- **Eu:** *Isso! Que fruta é?*
- **Crianças:** *Amora. Ameixa.*
- **Professora:** *Que tem no Sítio do Pica-pau Amarelo.*
- **Crianças:** *Jabuticaba!*
- **Eu:** *É a jabuticaba. Ela nasce grudadinha no tronco da árvore.*

Nesse momento senti as crianças inquietas e dispersas e logo percebi que estavam comentando curiosas sobre uma amora que tinham encontrado no chão. Respondi as perguntas que surgiram e deixei-os aproveitar aquele momento de descoberta.

- **Crianças:** *É de comer?*
- **Crianças:** *Passa pra mim, passa pra mim!*

Elas sentiam muita necessidade de ter a fruta em suas mãos. Outros contavam coisas para mim:

- **Crianças:** *Deus fez a rosa com espinhos pra ela se proteger.*

Passada a curiosidade pela amora voltei ao flanelógrafo:

- **Eu:** *Ao observarem as plantas do Bosque, Dudu e Carol perceberam a existência de inúmeros animais que vivem associados a essa rica vegetação.*

- **Eu:** *Que animais vocês acham que tem aqui no Bosque?*

- **Crianças em coro:** *Coelhos! Galinhas!*

Esses são sempre os primeiros a serem lembrados. Perguntei novamente:

- **Eu:** *Além dos coelhos e das galinhas tem mais o quê?*

- **Crianças:** *Galo! Pintinhos! Tartarugas!*

Galinhas e coelhos repetiam-se novamente e surgiam as variações: galo e pintinhos. Um novo elemento apareceu, as tartarugas, mas que também são animais introduzidos no Bosque. Tentei disfarçar minha decepção e perguntei novamente:

- **Eu:** *Além dos coelhos, das galinhas, dos galos, pintinhos, tartarugas, tem mais o quê?*

Outros animais foram citados: gato, passarinho, pato, cobra, cavalo, jacaré. Um menino lembrou dos peixes que tinham no lago que não existe mais. Tentei explicar de maneira simples que a maioria dos animais citados por eles não eram espécies da Mata Atlântica, tinham sido introduzidos no Bosque por outras pessoas. Não sei se ficou claro para eles... Outras perguntas surgiram:

- **Crianças:** *Pode ter cobra?*

- **Eu:** *Pode ter sim, mas as que a gente achou não eram venenosas.*
- **Crianças:** *E elas estão por aqui?* (Perguntou uma menina bastante receosa).
- **Crianças:** *Elas devem estar no bambuzal.*

Já percebi que o bambuzal é um espaço que desperta o imaginário das crianças. Para alguns é um lugar mágico onde mora o Saci. Para outros é um lugar perigoso onde tem cobras.

- **Eu:** *Vocês acham que aqui tem jacaré?*

Uns responderam que sim, outros que não, parecendo estar em dúvida.

- **Crianças:** *Quando tinha lago aqui, tinha!*
- **Crianças:** *Já vi um jacaré desse tamanho.* (demonstrou abrindo os braços)
- **Crianças:** *É, quando vim aqui o lago tava bem pequeno.*
- **Crianças:** *Tava cheia de girino!*

Nunca soube da existência de um jacaré por ali. Não sei se estavam fantasiando, confundindo com um outro lugar ou se ele realmente existiu. Comentei que o lago não existia mais, restando apenas uma nascente. Comecei a explicar o que era uma nascente e a professora comentou que eles já haviam aprendido na aula sobre o ciclo da água. Continuei a falar dos animais colocando mais algumas gravuras no flanelógrafo:

- **Eu:** *Vocês me falaram que tinha passarinho aqui. Tem um que constrói a sua casa com barro em cima das árvores, dos postes de luz também.*

- **Crianças:** *O João de barro.*
- **Crianças:** *Tem esquilo?*

Respondi que não e a menina demonstrou certa decepção.

- **Eu:** *E outros passarinhos, tem?*

Elas fizeram algumas tentativas, sem muita segurança: gavião, urubu, canário, papagaio.

- **Eu:** *E esse aqui, vocês conhecem? É o bem-te-vi. Vocês sabem como ele canta?*

As crianças imitaram o canto do bem-te-vi animadamente.

- **Crianças:** *Eu vi um ontem!*
- **Crianças:** *Parece que ele tem óculos escuros.*
- **Crianças:** *É motoqueiro.*
- **Crianças:** *Motoqueiro fantasma.*

Associações com artefatos culturais parecem muito comuns entre eles.

- **Eu:** *E o morcego, quem conhece?*

- **Crianças:** *Batman!*

- **Eu:** *O morcego é malvado?*

As opiniões ficaram divididas.

- **Crianças:** *Ele come fruta.*

- **Crianças:** *Ele chupa sangue.*

- **Crianças:** *E aparece de noite.*

- **Crianças:** *Na casa do meu tio, na esquina tem uma árvore grandona e à noite tem um monte de morcego!*

- **Crianças:** *Na casa do meu pai tem uma árvore cheia!*

A professora chamou a atenção dos alunos dizendo que se cada um fosse contar a sua história eu não ia conseguir terminar de contar a minha.

- **Eu:** *Então, vocês viram que o morcego está sempre perto de uma árvore? (coloquei a gravura do morcego perto da embaúba no flanelógrafo). Ih, aposto que ninguém lembra o nome dessa árvore aqui.*

Realmente ninguém lembrava. Falei novamente o nome e eles repetiram em coro. Mostrei a gravura do preá e perguntei se sabiam como era o nome daquele animal, já imaginando que possivelmente não saberiam. Pela sua semelhança a maioria respondeu dizendo que era um rato ou um hamster. Outros animais também foram citados como coelho, castor, esquilo, porquinho da índia, gambá. Algumas crianças contestaram a opinião dos colegas.

- **Crianças:** *Mas gambá nem parece!*

Contei que era um preá e as crianças não pareceram convencidas. Disse que era muito parecido com um rato mesmo, principalmente aquele da gravura que eu havia feito. Tentei argumentar explicando algumas diferenças entre ratos e preás.

- **Eu:** *O que o rato come?*

- **Crianças em coro:** *Queijo!*

- **Eu:** *Rato come de tudo, queijo, carne, fruta, restos de comida... E o preá só come planta. Como chama quem só come planta?*

- **Crianças:** *Herbívoro.*

- **Crianças:** *Vegetariano.*

Durante a conversa sobre ratos e preás, eles citaram o filme Ratatouille diversas vezes. Mostrei o guarapuvu novamente e perguntei se alguém lembrava o seu nome. Uma criança arriscou:

- **Crianças:** *É guarapivi?*

- **Professora:** *Misturaram guarapuvu com bem-te-vi!*

Todos riram.

- **Crianças:** *E todo mundo esqueceu o nome daquela também!* (Apontando para a embaúba)

A professora deu uma dica falando as primeiras letras e elas acabaram lembrando.

- **Eu:** *E tem bicho bem pequeno aqui também?*

Poucos arriscaram uma resposta.

- **Crianças:** *Tem formiga!*

- **Crianças:** *Rato!*

- **Eu:** *Formiga tem. Tem os insetos, né? Vocês conhecem algum?*

As crianças citaram barata, abelha, mosca, aranha, mosquito da dengue. A visão negativa comumente associada aos insetos estava bastante presente. Nesse momento tive que controlar meu ímpeto de bióloga para não ficar filosofando sobre a diversidade e importância dos insetos e de que aranha não era inseto! Controlei-me e continuei a história:

- **Eu:** *O que faz a formiga?*

- **Crianças:** *Trabalha o dia inteiro!*

Todos acharam graça.

- **Eu:** *E as abelhas, fazem o quê?*

- **Crianças em coro:** *Mel!*

- **Eu:** *E como elas fazem o mel?*

- **Crianças:** *Ela pega o pólen, mistura com alguma coisa dela e faz o mel.*

- **Eu:** *É. Elas gostam muito de flores amarelas, como essas aqui (mostrando o ipê no flanelógrafo). Qual o nome dessa árvore mesmo?*

Ninguém lembra o nome.

- **Eu:** *O da marca do detergente.*

Responderam em coro rapidamente: *Ipê!*

- **Crianças:** *E do que o bem-te-vi se alimenta?*

- **Eu:** *Ele come insetos.*

- **Crianças:** *Eca!*

- **Crianças:** *Come minhoca e formiga.*

Peguei uma gravura de borboleta e eles logo a identificaram entusiasmados.

- **Crianças em coro:** *Borboleta!*

- **Eu:** *E borboleta tem de que cor?*

Citaram várias cores: azul, amarelo, roxo, rosa, verde.

- **Eu:** *Já viram borboleta marrom?*

- **Crianças:** *Sim.*

- **Eu:** *É uma forma de disfarce.*

- **Crianças:** *Quando ela nasce tem um negocinho nojento.*

- **Crianças:** *É a lagarta, né?*

- **Crianças:** *É ela faz metamorfose!*

- **Crianças:** *Tem um casulo.*

A riqueza de informações trazidas por eles a respeito das borboletas era muito grande. A professora explicou que as lagartas comeram a horta deles, por isso eles as conheciam tão bem. Mostrei a figura do bicho-pau e perguntei se alguém o conhecia. As crianças arriscaram alguns palpites: aranha, escorpião, grilo. Até que um deles falou: bicho-palito e o outro descobriu: bicho-pau. Depois de descobrirem o nome várias crianças comentaram já terem visto um. Outras falaram que parecia um louva-deus.

Comecei a sentir as crianças um pouco cansadas e mais dispersas. A professora também parecia um pouco preocupada com o horário. Resolvi acelerar o fim da história.

- **Eu:** *Depois de percorrerem todas as trilhas e se admirarem com a beleza das árvores, o canto dos pássaros, o colorido das borboletas, Dudu e Carol decidiram parar e fazer o piquenique. Estenderam uma toalha no chão e começaram a comer o delicioso lanche que tinham trazido.*

- **Eu:** *O que será que tinha na cesta deles?*

Bolacha, sanduíche, suco, fruta, x-salada, pizza, foram várias as opções. Quando coloquei a gravura da toalha xadrez eles começaram a falar de times de futebol com entusiasmo. Dessa vez não dei muita abertura para discussão e continuei a história:

- **Eu:** *Depois do piquenique Dudu e Carol começaram a conversar sobre o que existe embaixo da terra.*

- **Eu:** *O que vocês acham que tem embaixo da terra?*

As crianças arriscaram, com certa insegurança: formiga, minhoca, água, rato, coelho, plantas nascendo. Alguns riram das sugestões dos outros. A professora lembrou a eles das raízes das plantas. Alguns lembraram do lençol freático aprendido em aula. Mostrei a eles o tatu-bola e eles logo o reconheceram. Comecei a falar sobre alguns organismos que de tão pequenos não conseguíamos enxergar e perguntei se sabiam o nome. Alguns arriscaram inseguros:

- **Crianças:** *Miniaturas?*

- **Crianças:** *Insetos?*

Respondi que eram os microorganismos, mas não me prolonguei na discussão percebendo que estavam cansados. Fui para o fim da história, colocando nuvens escuras no céu. Perguntei o que iria acontecer:

- **Crianças:** *Vai chover!*

- **Crianças:** *É, vai dar trovoada!*

- **Eu:** *É verdade. E por que a chuva é importante?*

- **Crianças em coro:** *Para as plantas crescerem!*

- **Eu:** *E pra gente, não é?*

- **Crianças em coro:** *É também.*

- **Eu:** *Dudu e Carol aprenderam muito no passeio. O que eles viram?*

- **Crianças:** *Bichos.*

- **Crianças:** *Micróbios.*

- **Crianças:** *Plantas.*

- **Eu:** *Dudu e Carol foram para casa maravilhados com tudo o que tinham visto.*

*Eles voltaram ao Bosque muitas vezes e a cada ida faziam novas descobertas, tinham novas sensações, ...*

- **Crianças:** *Novas aventuras - complementou um menino.*

- **Eu:** *E cada vez mais sentiam-se parte daquele espaço.*

Assim que concluí a história os alunos levantaram e dispersaram-se um pouco. Pareciam ansiosos em continuar o passeio. Logo que saímos da barraca levei-os até um pé de amora que havia em frente para mostrá-lo, já que tinham ficado tão curiosos com aquele pequeno fruto durante a história. Pediram para que eu arrancasse alguns e lhes dessem, mas os frutos daquele pé não estavam muito maduros. Falei para eles que ao longo da trilha encontraríamos outras amoreiras e que provavelmente uma delas teria frutos maduros para saborearmos. Demos mais alguns passos em direção à trilha e encontramos um dos coelhos presentes no Bosque. Os alunos ficaram encantados, queriam chegar perto, tocar, fazer carinho. Expliquei que se chegassem muito perto o coelho se assustaria e fugiria. Foi em vão, com todo aquele alvoroço em volta ele tratou logo de escapar. Levei-os então até o início da trilha. Não queria impor muitas regras, apenas pedi para que tomassem cuidado ao caminhar para ninguém se machucar e para que observassem com atenção tudo o que havia ao nosso redor. Questionei-os sobre que

plantas poderíamos encontrar no caminho e na tentativa de acertar seus nomes fizeram confusões falando alguns bastante engraçados como ipovuvu e embabu. Ipê, jabuticabeira e palmitero foram lembrados por eles.

Iniciei a trilha no começo da fila, mas não pretendia permanecer ali. Fui diminuindo o passo para ver se passavam a minha frente, mas não funcionou. Cheguei a parar e todos também pararam prontamente. As crianças prestavam bastante atenção ao redor e liam todas as placas de identificação que encontravam. Logo no início encontraram a jabuticabeira. Ficaram felizes com a descoberta, porém desapontados por ela estar sem frutos. Continuaram caminhando, um pouco mais soltos, sem uma fila bem organizada. Eu consegui finalmente ficar no meio deles, prestando atenção nos comentários que faziam, nos olhares curiosos e no sorriso que abriam quando viam algo que lhes agradava. Estavam atentos a tudo e compartilhavam com os outros as suas descobertas:

- *Olha, barba de velho!*

- *A ameixeira!*

- *Olha lá um passarinho!*

- *Eu vi uma borboleta!*

Alguns pareciam um pouco receosos no começo e percorriam a trilha com bastante cuidado.

- *Não pode pisar nas raízes – disse uma menina.*

Chegamos à Trilha do Guarapuvu e a frondosa árvore foi identificada por eles antes mesmo de lerem a sua placa de identificação. Encheram-se de orgulho por isso. Quando avistaram a casa de bambu correram em direção a ela e começaram a imitar índios. Estavam divertindo-se muito, correndo, brincando e explorando o lugar. A professora também não se preocupou, pois era uma área bastante aberta onde ela não perderia ninguém de vista. Acharam as marias-sem-vergonha e fomos até elas olhar mais de perto. Ao lado tinha uma amoreira e algumas crianças começaram a pegar as amoras do chão querendo comê-las. Falei para não comerem essas e fui com elas apanhar diretamente do pé. Como era bastante alto apenas eu alcançava enquanto eles ficavam ao meu redor.

- *Pega uma pra mim, pega!* Repetiam isso a todo momento.

Um menino chegou contando-nos que tinham descoberto girinos. Pedi para que nos mostrasse. Já havia várias crianças próximas à nascente fascinadas pela descoberta. Eu também fiquei muito impressionada, pois nunca tinha visto girinos ali. Fiquei um

tempo observando e eles vinham me contar com bastante propriedade que aqueles girinos iriam virar sapos um dia. Algumas crianças continuavam encantadas com o guarapuvu e ficavam lendo o seu nome na plaquinha por repetidas vezes. Elas pronunciavam orgulhosas:

- *Achamos o guarapuvu!*

Encontrei um fruto do guarapuvu e levei até eles. A surpresa das crianças foi enorme quando abri para mostrar a semente e estava cheio de formigas. Consegui retirar a semente e todos eles pediram para pegá-la. Alguns comentaram que já tinham visto igual.

Um outro grupo estava bastante entretido investigando uma cana-do-brejo<sup>23</sup>. Eles tentavam de inúmeras maneiras alcançar um dos galhos para pegar os frutos e não conseguiam. Fui ajudá-los. Num trabalho coletivo conseguimos pegar um fruto verde e outro já seco. A felicidade deles foi imensa ao poder pegar as sementinhas na mão. Alguns guardaram nos bolsos para levar para casa. Percebi que essa é uma necessidade bastante presente em todos. Tudo o que mostrava pediam-me para que desse para eles pegar.

Ficamos um bom tempo explorando aquele espaço, até que a professora veio me alertar do horário. Precisávamos continuar, pois do contrário não teriam tempo para lanche e ir ao parque. Chamei-os dizendo que iríamos continuar o passeio. A professora reforçou, organizando-os em fila. Seguimos pela Trilha do Café, o que despertou a curiosidade deles:

- *Tem pé de café?*

- *Quero pegar um pouco!*

Continuei andando no meio deles, prestando atenção no que contavam. Enquanto conversava com uma das crianças percebi uma agitação no início da fila. Fui ver o que era.

- *Um caramujo gigante!* Gritou o menino.

Era um caramujo africano enorme que estava na beira da trilha. Já tinha visto desses por lá, mas não daquele tamanho e muito menos no meio da trilha. Fiquei próximo a ele enquanto todos passavam, cuidando para que ninguém o tocasse. Eles ficaram admirados com o tamanho do animal. Depois de passarmos por ele a professora

---

<sup>23</sup> A cana-do-brejo, *Costus spicatus*, é uma planta nativa em quase todo o Brasil, principalmente na Mata Atlântica e região Amazônica, sendo bastante utilizada na medicina tradicional pelo seu efeito diurético (LORENZI, 2008).

chamou atenção para a figueira-mata-pau. Na verdade ela estava fazendo uma associação com o time de futebol Figueirense dizendo que o “Figueira mata a pau”. Todos riram. Continuamos caminhando até que as crianças encontraram o falso pau-brasil. Ficaram intrigadas do por quê ele era chamado de falso e tentei explicar que ele era uma espécie muito parecida, mas que não era o pau-brasil do qual nós ouvimos falar e que deu o nome ao nosso país.

Uma criança relatou à Anna:

- **Criança:** *Uma vez a gente teve que atravessar um mato e aí eu pedi pro meu tio me segurar.*

- **Anna:** *Por quê?*

- **Criança:** *Eu tenho muito medo de mata!*

- **Anna:** *E dessa aqui, você não teve medo?*

- **Criança:** *Não, dessa não.*

- **Anna:** *E por que não?*

- **Criança:** *Ah, essa aqui não parece mata. A outra era fechada e mais escura, essa é bem aberta, né.*

Quando terminamos a trilha pedi para que sentassem nos bancos para fazermos nossa última atividade. Entreguei um pedaço de papel a cada um e pedi para que escrevessem o que eles tinham mais gostado na trilha. Passei uma caixa de lápis de cor. Enquanto uns preocupavam-se em escolher a cor do lápis, outros perguntavam insistentemente se não tinha lápis de escrever, já que era para escrever e não para desenhar. A professora falou que quem fosse terminando poderia ir lanchar.

O resultado dessa atividade foi bastante diversificado e interessante. Nos 28 registros feitos pelas crianças apareceram 13 elementos diferentes. Alguns escreveram apenas uma coisa da qual tinham mais gostado, outros escreveram mais de uma e tiveram ainda aqueles que fizeram verdadeiros relatos como o descrito a seguir:

*“Eu fui com os meus amigos da escola para o bosque e aqui no bosque nós vimos várias coisas e o que eu mais gostei foi o coelho, amoras, nome de árvores e o nome da maria-sem-vergonha”.*

Alguns justificaram a sua escolha:

*“Eu gostei mais do coelho porque ele é branco e fofo”.*

Outros fizeram comentários sobre o que tinham escolhido:

*“Eu gostei do coelho que não podia chegar perto senão ele ficava com medo”.*

Tiveram aqueles que gostaram de tantas coisas que não conseguiram escolher uma só:

*“Eu gostei muito da árvore guarapuvu e também dos coelhos e também do lago dos girinos e também da maria-sem-vergonha”*

Como esperado o coelho foi o que mais apareceu nos relatos escritos das crianças, sendo citado em 15 dos 28. Outros animais também apareceram como os girinos, as galinhas e o caramujo. As plantas também conquistaram a todos, aparecendo em 12 relatos. As amoreiras, o guarapuvu e a maria-sem-vergonha foram as mais citadas. Surpreendentemente outras espécies também foram lembradas com o falso pau-brasil e a figueira mata-pau. A casa de bambu também apareceu em alguns registros.

Por fim as crianças terminaram o lanche e foram ao parque brincar. Mesmo bastante entretidas com as brincadeiras continuavam a explorar o ambiente. Descobriram o pé de café e como de costume pediram para que eu pegasse alguns frutos para elas. Quando estava conversando com um menino que havia sido deixado de castigo pela Coordenadora (não presenciei o motivo pelo qual foi deixado de castigo) ele ficou olhando para uma árvore e comentou comigo:

*- Olha parece um pepino.*

Demorei para encontrar o que ele estava querendo me mostrar e quando achei percebi que era o fruto da embaúba. Comentei com ele, que ficou feliz por ter encontrado mais uma árvore que tínhamos visto na história.

Chegou então a hora de ir embora. Fui acompanhá-los até a saída e na despedida recebi sorrisos, beijos e abraços calorosos.

### **30 de setembro: desencontro<sup>24</sup>**

---

<sup>24</sup> A chuva impossibilitou meu encontro de hoje com a turminha do CEPAJÓ no Bosque. Fui até a escola conversar com a Coordenadora e marcamos uma nova data: 03 de outubro. Como a chuva parece que irá perdurar ao longo da semana, combinei com ela que se não for possível ir até o Bosque por causa do mau tempo iremos desenvolver as atividades na escola. Infelizmente não posso adiar mais, não só por atrasar o meu trabalho, mas também por atrapalhar o próprio planejamento de aulas da professora.

### **03 de outubro: segundo encontro**

Acordei cedo e fui para o Bosque para mais um dia de atividades com as crianças. Dessa vez estava bem mais tranqüila, aquela ansiedade do primeiro encontro havia amenizado, porém não deixei de criar um imaginário de expectativas em torno de nosso novo encontro. Preparei os materiais e fui esperá-los na entrada do Bosque. Logo ouvi os sons da sua chegada, alguns eufóricos com mais um passeio, outros pareciam decepcionados:

- *Ah aqui de novo...*

Fiquei triste de certa forma e no meio de nossa conversa inicial tentei saber quem tinha feito o comentário e vi que tinha sido um menino que não havia participado do nosso primeiro encontro, mas que já esteve lá com outra turma. Confesso que fiquei aliviada...

Assim que entraram, nos cumprimentamos com um amistoso “Bom Dia”. Perguntei se lembravam do que tínhamos realizado na semana passada e vários levantaram a mão querendo comentar. Lembraram da história do flanelógrafo, das árvores, dos girinos, dos coelhos, do parque. Após essa conversa fomos até a barraca para que eles pudessem guardar suas lancheiras. Deixei-os explorando o ambiente da barraca por um momento, já que da outra vez havia retirado todos os materiais presentes ali para poder contar a história. Em seguida, solicitei a atenção deles dizendo que iríamos iniciar a primeira atividade do dia. A professora os organizou em fila e pediu silêncio. Mostrei a eles a casa do Museu, a qual não havíamos entrado no primeiro encontro, e perguntei se era uma casa nova ou antiga. Responderam todos em coro que era antiga e um deles falou que era açoriana.

Fomos até o Museu de Presépios. No caminho pararam para observar um casulo de borboleta. Fiquei feliz em ver que o clima de descobertas permanecia. Parei na porta antes de entrarmos e pedi apenas para que tomassem cuidado, pois as prateleiras eram de vidro. A professora reforçou meu pedido. Alguns observaram rapidamente sem prestar muita atenção, outros pareciam mais curiosos. Como esse não era o foco da atividade, não comentei sobre os presépios. Em seguida levei-os até um dos cômodos que era um quarto, quando esta casa servia de moradia. Contei que não tinha janelas porque antigamente acreditava-se que as bruxas poderiam vir durante a noite pegar as crianças. Deram risadas, acharam interessante. Eles sabiam detalhes sobre as construções açorianas, como as portas e janelas:

*- Tem uma parte arredondada em cima - disse uma menina.*

Um menino comentou:

*- Achei que adultos não acreditavam em bruxas.*

Depois de nossa breve conversa sobre lendas de bruxas e construções açorianas levei-os até a outra sala onde realizaríamos nossa primeira atividade do dia. Precisava separá-los em 5 grupos e solicitei a ajuda da professora que organizou com eles uma roda dizendo um número de 1 a 5 para cada um. As crianças com o mesmo número juntaram-se em grupos. Os grupos 1 e 2 ficaram em uma sala e os grupos 3, 4 e 5 em outra, mas conseguiam ver uns aos outros. Entreguei para cada grupo a sacola com os materiais que seriam utilizados durante as atividades. Essa sacola foi preparada por mim com muito cuidado, como se fosse entregar a eles um saco de presentes. Cada sacola continha: folhas de papel; um saquinho com lápis de cor, amarrado com um laço de fita; as imagens aéreas do bairro do Estreito; pacotes de argila; 1 rolo de papel crepom verde e alguns palitos de churrasco. Estavam bastante curiosos para ver o que tinha dentro, queriam tocar, perguntavam se era para eles, se eles poderiam pegar. Deixei-os curtindo os seus presentes por um momento. Pareciam encantados, apertavam os pacotes de argila, olhavam curiosos para as imagens aéreas tentando compreendê-las, abriam os saquinhos de lápis de cor selecionando as cores que mais gostavam.

Iniciei a atividade solicitando que cada um pegasse uma folha de papel. Fui em cada grupo e expliquei sobre o desenho que deveriam fazer: pedi para que desenhassem como era o Estreito antigamente. Muitos ficavam inseguros e perguntavam-me:

*- O que é para desenhar. Eu não sei.*

Tentava acalmá-los dizendo para usarem a sua imaginação. A professora percebendo a angústia de alguns resolveu “explicar” o que era para desenhar:

*- Vocês lembram da paisagem natural e modificada? Antigamente não era tão modificada.*

E quando ela via algum desenho que achava não estar condizente com a proposta questionava:

*- Tinha só uma árvore? Só tinha casas?*

Enquanto desenhavam fiquei observando-os e ajudando a apontar a ponta dos lápis que quebravam. As crianças conversavam bastante entre si e quando me aproximava elas mostravam-me orgulhosas o seu desenho.

*- Vou fazer essa casa aqui – disse uma criança, referindo-se à casa açoriana onde estavam enquanto a desenhava com lápis marrom.*

- *Mas a casa não é marrom, é azul e branco!* – criticou a sua colega.

- *Mas tô fazendo ela construindo* – defendeu-se.

Uma criança desenhou “Hércules” e disse:

- *Ele tem muitas vidas. É do passado, mas ainda tá vivo. Aqui tava novo* – disse, apontando seu desenho. Ele contou que o outro personagem que havia desenhado era o “destruidor”.

Uma das crianças desenhou uma pessoa com galhos de árvore nas mãos, mas em seu desenho não havia árvores. Quando a Anna perguntou de que árvore o boneco tirou os galhos, ela pegou um lápis e começou a desenhar árvores (com rostos bravos). Anna perguntou o porquê dos rostinhos bravos nas árvores, e ela respondeu:

- *Porque elas não gostam que arranquem galhos delas!*

Uma outra criança desenhou o ipê-amarelo da história do flanelógrafo.

Pedi para que escrevessem o número do grupo atrás da folha e achei engraçado o fato de muitos deles me perguntarem se o número podia ser bem grande. Quando quase todos tinham terminado, comecei a passar nos grupos para conversar sobre as imagens aéreas.

O primeiro grupo com o qual conversei foi o **3**. Pedi para que observassem as duas imagens e perguntei o que eles achavam que era. Disseram que eram mapas. Perguntei sobre as diferenças entre as duas e responderam:

- *Essa é colorida e essa é preta e branca.*

Juntos tentamos encontrar o Bosque e eles observaram com facilidade que as duas imagens eram do mesmo lugar, mas tiveram dificuldades em compreender a imagem antiga, provavelmente por ser preta e branca. Não entendiam que a região escura da imagem antiga era vegetação, pois a princípio quando perguntei onde tinham mais árvores disseram que era na imagem atual. Tentei perguntar de diferentes formas e eles pareciam confusos, às vezes achavam que era na atual, às vezes na antiga. Ao final, talvez por uma indução de minha parte, concordaram que na imagem antiga havia muito mais árvores em torno do Bosque do que na atual.

O segundo grupo foi o **5**. Pedi para que observassem as imagens e me dissessem as diferenças entre elas.

- *Aqui é antigo e aqui é novo* – disseram.

Guiando-os pelos nomes das ruas encontraram o Bosque facilmente. Perguntei então se as imagens eram de lugares diferentes.

- *São do mesmo lugar, só muda a cor.*

- *Essa tem mais árvores!* – disse um deles apontando a foto antiga.

Voltei a conversar sobre as diferenças entre as imagens questionando o que tinha ao redor do Bosque antigamente e o que tem hoje:

- **Eu:** *Hoje, o que mais tem em volta do Bosque?*

- **Criança:** *Casa!*

- **Eu:** *E antes tinha mais o quê?*

- **Criança:** *Árvores!*

- **Criança:** *Dá pra ver uma casa aqui* – observou.

- **Eu:** *Onde era mais preservado, então?*

- **Criança:** *Aqui!* – apontaram para a foto antiga.

- **Criança:** *Tem mais natureza.*

- **Criança:** *Tinha os índios carijós.*

- **Criança:** *Tinha pouca gente nessa época. Só tinha açoriano.*

- **Eu:** *E o que aconteceu?*

- **Criança:** *Desmataram.*

- **Criança:** *É, pra fazer casas.*

- **Criança:** *Fizeram muita queimada...*

Fui conversar com o grupo 4. Pedi que observassem as imagens, mas não perguntei o que era pois eles já sabiam que eram fotos aéreas por terem prestado atenção na conversa que tive com os grupos anteriores. Perguntei então, se sabiam de que época eram as fotos:

- **Criança:** *Essa é do ano passado* – disse uma criança apontando para a imagem antiga, como se fosse há muito tempo atrás.

- **Criança:** *É de 1938* – disse outro.

Perguntei se ele tinha ouvido quando falei para o outro grupo e ele me disse que sim.

- **Criança:** *Essa é de hoje* – disse outra criança apontando para a imagem atual.

Juntos fomos tentar encontrar o Bosque nas duas imagens. Eles tiveram um pouco de dificuldade e precisei dar algumas dicas. Depois que conseguiram se localizar pelos números e nomes de rua uma menina até encontrou a rua onde mora. Também compreenderam as diferenças entre as duas imagens, percebendo que a antiga tinha mais árvores que a atual e esta muito mais casas. Quando perguntei sobre o que tinha ocorrido, a resposta sobre o desmatamento da mata veio imediatamente, seguida de alguns comentários:

- **Criança:** *Eles foram desmatando.*
- **Criança:** *Quando a gente nem tinha nascido ainda!*
- **Criança:** *É, quando tinha os açorianos.*

Quando terminei de conversar com o grupo 4 percebi que os que ainda restavam estavam um pouco impacientes e com vontade de fazer o lanche. Por isso optei por juntar os grupos **1** e **2**. Fizemos uma grande roda e começamos a conversar sobre as imagens. Eles acharam o bosque com facilidade e compreenderam que as duas imagens eram do mesmo lugar. Perguntei como sabiam:

- **Criança:** *Por causa dos números – respondeu um.*
- **Criança:** *E o mar aqui, tá igual – observou outro.*

Perguntei se sabiam de que ano era a foto e responderam que era de 1938. Provavelmente tinham ouvido minha conversa com os outros grupos. Uma menina me perguntou curiosa:

- **Criança:** *Em que ano isso aqui virou Bosque?*
- **Eu:** *Faz 6 anos, foi em 2002.*
- **Criança:** *Ihhh faz um tempão! – surpreendeu-se.*

Na conversa sobre as diferenças entre as imagens, eles fizeram as mesmas considerações que os outros grupos. Nesse momento uma criança levantou um ponto de discussão:

- **Criança:** *Mas ainda tem árvore – disse mostrando o Bosque na foto recente.*
- **Eu:** *Aqui no Bosque tem, mas e no Estreito?*
- **Criança:** *Tem algumas, mas não é como aqui que era uma mancha – disse outra criança mostrando a foto antiga.*
- **Criança:** *Aqui as árvores são bem distanciadas, né. Disse a mesma criança mostrando a imagem atual.*

Após esse diálogo decidi liberá-los para o lanche, pois muitos deles já estavam bastante dispersos.

Durante o lanche fiquei preparando os materiais para a confecção das maquetes. Quando terminaram chamei-os para iniciarmos nossa última atividade e pedi para permanecerem nos mesmos grupos. Fui em cada um explicar a proposta: depois de terem visto como era o Bairro do Estreito e o Bosque antigamente e como eles são agora, os alunos deveriam imaginar como estarão esses locais no futuro e representar através de uma maquete. A professora preocupada com o tempo perguntou qual era a proposta e me ajudou a explicar para o restante dos grupos. Assim como nos desenhos

eles ficavam em dúvidas e perguntavam-me o que fazer. Novamente pedi para que imaginassem...

Enquanto construía as maquetes circulei pelos grupos perguntando sobre o que estavam fazendo ou simplesmente ouvindo-os.

O grupo 5 parecia bastante otimista em relação ao futuro e em sua maquete observava-se a presença de muitas árvores e poucas construções humanas. Comecei a conversar com eles para compreender melhor suas idéias.

- **Criança:** *Aqui vai ter mais árvore!* – disse um deles referindo-se ao bosque.

- **Criança:** *Vamos pedir pra plantar mais árvores.*

- **Criança:** *E trazer mais bichos!*

- **Crianças:** *Vamos protestar, vamos protestar, vamos protestar!* – diziam em coro.

Parecia que todos do grupo compartilhavam a mesma idéia de preservação.

- **Criança:** *E vamos morar na casinha de bambu.*

Perguntei se não iriam sentir falta da televisão, do vídeo-game.

- **Criança:** *Eu vou levar só o videogame e a televisão* – respondeu um deles.

- **Criança:** *E eu só o videogame* – respondeu outro.

- **Eu:** *Mas e a luz?*

- **Criança:** *Não precisa de luz!*

- **Criança:** *Vamos fazer fogo!*

- **Criança:** *E usar carvão pra fazer energia* – disse um deles comentando sobre algo que havia aprendido recentemente na escola.

Perguntei sobre uma árvore que se destacava no meio das outras por ser maior e apresentar um formato diferente. A criança que a fez respondeu dizendo que era um guarapuvu. Nesse momento a professora também chegou à roda e as crianças do grupo compartilharam com ela suas idéias, animadas:

- **Criança:** *Vamos fazer fogo e dançar ao redor!*

- **Criança:** *E vamos usar carvão pra fazer energia.*

- **Criança:** *Meu bicho de estimação vai ser um leão!*

- **Criança:** *Protestar, protestar, protestar!* – recomeçaram em coro.

Depois de um tempo circulando pelos outros grupos voltei ao grupo 5. Algumas construções surgiram na maquete e perguntei a eles curiosa sobre o que seria:

- **Eu:** *Isso é uma casa? Mas vocês não iam morar na casinha de bambu?*

- **Criança:** *Não, isso aqui é aonde a gente vai se pendurar igual macaco!*

- **Criança:** *Pra fazer exercício.*

- **Criança:** *Aqui tem macaco?* – pergunta curiosa uma criança, em meio às divagações das outras.

- **Criança:** *Não, essa aqui é nossa casa, e o outro é o brinquedo!* – diz outro, apontando para outra estrutura.

Pareciam não mais concordar plenamente em tudo o que faziam.

No grupo 2 as opiniões sobre o futuro eram bastante divergentes. Ao serem questionados se teria mais árvores responderam:

- **Criança:** *Não! Vai ter mais hotéis* – respondeu sério um menino, mostrando o hotel que estava construindo.

- **Criança:** *Mais árvore, né. E casa* – disse outra.

- **Criança:** *Casa lá pra baixo e árvore aqui.*

- **Criança:** *O bosque vai continuar do jeito que é* – disse esperançosa outra criança.

- **Criança:** *Eu não tenho certeza...* – retrucou outra, baixinho.

- **Criança:** *Vou fazer uma fábrica de gás carbônico!*

Voltando ao grupo 2 reparei que o menino que havia construído o hotel tinha feito novas construções. Perguntei sobre uma estrutura bastante alta que ele tinha feito:

- **Criança:** *É um arranha-céu* – respondeu

- **Criança:** *E isso é um carrinho e uma estrada* – acrescentou.

Outras construções chamaram minha atenção e perguntei a eles o que era. Explicaram-me que uma era um brinquedo do “Parque Tupã” e a outra um balanço.

Percebi ao caminhar pelos outros grupos que o hotel do menino do grupo 2 foi copiado por outras crianças, que diziam ser casas e prédios. Fui até o grupo 4 conversar sobre o que estavam fazendo:

- **Criança:** *Tô fazendo um prédio!* – disse uma criança, imitando o hotel construído no Grupo 2.

- **Criança:** *E eu uma casa.*

- **Criança:** *Eu fiz uma torre de luz e uma igrejinha.*

- **Eu:** *E essa aqui?*

- **Criança:** *Essa é outra igreja e isso não sei* – respondeu a mesma criança.

- **Criança:** *Pode ser um mercado!* – ajudou o colega.

Perguntei o que era uma estrutura complexa que não estava conseguindo compreender:

- **Criança:** *É um ipê-amarelo!* – respondeu a criança que o fez

Uma delas fez uma pista de skate e uma espécie de cobertura:

- **Criança:** *Pra quando chover eles poderem se proteger* – explicou.

Continuei circulando entre eles e fui até o grupo 1. A maquete deles estava bastante organizada e limpa. Eles conversavam entre si sobre o que iriam produzir na maquete. Não que entrassem num consenso, cada um falava o que estava com vontade de construir.

- **Criança:** *Um monte de árvore e os bonecos andando no meio!*

- **Anna:** *O que mais vai ter, casa?*

- **Criança:** *Não, vai ter carro* - respondeu outra.

- **Criança:** *Vou fazer uma janela açoriana, daquelas redondas!*

Havia 3 construções iguais, bem semelhantes ao hotel do menino do grupo 2, que eles disseram ser prédios, um para cada um que o construiu. Um menino desse grupo não se envolveu muito com a atividade e infelizmente não tive a oportunidade de conversar com ele para compreender por quê. Ao final a professora foi em cada grupo verificar o que cada um havia feito e questionou o fato dele não estar nem com as mãos sujas de argila.

As crianças do grupo 1 pareciam um pouco confusas em relação ao que estavam fazendo. Quando perguntei o que era uma estrutura grande e com bastante argila, que ocupava boa parte da maquete, não souberam responder. Observei uma construção que me pareceu ser a casa de bambu presente no Bosque. Perguntei o que era e o menino que a fez disse ser apenas uma casa. Numa análise mais superficial essa maquete parecia ser a mais desorganizada e suja. Apesar de ter essa impressão não seria isso que iria ser levado em consideração por mim, afinal para mim não havia certo ou errado, bonito ou feio. Pretendia apenas observar como as crianças representavam o futuro do Bosque e do bairro através de suas maquetes.

A professora estava preocupada com o horário e pediu para as crianças irem para os acabamentos finais, pois teriam que ir embora. Perguntaram-me se não iriam ao parque e ficaram chateadas por ter dito que não daria tempo. Ao final da atividade estavam todos com as mãos, o rosto e as roupas sujas de argila. Eles realmente envolveram-se bastante e não tiveram nenhum tipo de problema em manusear a argila. Fiquei preocupada com uma menina que veio me contar chateada que sua mãe bateria nela se chegasse em casa com a roupa suja daquele jeito. Tentei acalmá-la dizendo que

saía fácil com água e que se ela passasse a mão molhada na calça já iria disfarçar. Ela me deu um sorriso de alívio...

Cada um que terminava era encaminhado pela professora para lavar as mãos. Logo já estavam todos organizados em fila para irem embora. Levei-os até o portão e novamente recebi beijos e abraços calorosos de despedida. Falei que iria visitá-los na escola qualquer dia e ficaram bastante felizes. Voltei para o Bosque com o coração cheio de alegria por mais um encontro com essas crianças encantadoras.

## 5. Múltiplos olhares sobre o Bosque



A questão central, que me acompanhou ao longo dessa caminhada, algumas vezes mascarada por outros desejos e inquietações, foi que olhares e relações as crianças (sujeitos de minha pesquisa) tecem *com* e *através* do Bosque (o lugar das ações pedagógicas que desenvolvi). Chego ao capítulo de “análise”, embora reconheça que o capítulo anterior também seja analítico, com alguns indícios sobre o que está em jogo no modo como se configuram esses olhares e relações. Como disse anteriormente, sempre desejei desenvolver uma pesquisa aberta às multiplicidades. Nunca pretendi direcionar olhares e se o fiz foi por querer mostrar a beleza e importância que vejo naquele lugar.

Não me cabe avaliar aqui, e nem é possível, as experiências vividas por cada um em nossos encontros, pois, como nos ensina Larrosa (2002), a experiência é algo singular. Também não tenho a pretensão de mostrar verdades absolutas. Trago a este capítulo apenas questões que foram recorrentemente enunciadas pelas crianças no decorrer das atividades pedagógicas por nós construídas.

Para compreender melhor todas essas questões, resolvi adentrar, mas sem grandes pretensões de aprofundamento, ao campo dos estudos culturais. Como nos ensina Guimarães (2006), o modo como enxergamos e nos relacionamos com a natureza, ou no caso, com um bosque, é construído historicamente e culturalmente. Aprendi que, num mesmo momento histórico, circulam, pela cultura, diferentes narrativas que acionam diversas formas de ver e se relacionar com a natureza, com um bosque, com um lugar. Isso pode ser percebido em meu trabalho, nas múltiplas narrativas e formas de expressão das crianças.

A maneira como as crianças vêm e relacionam-se com o Bosque Pedro Medeiros estão interpeladas pela cultura. Sendo assim, as práticas educativas vivenciadas por elas exercem um papel central no modo como se configuram essas relações. A escola, por exemplo, funciona como uma mediadora, influenciando as diferentes formas de expressão das crianças. Wortmann (2002, p.79) nos diz que “o cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural”, sendo assim as práticas escolares podem ser comparadas a processos culturais extra-escolares, mesmo que estes não tenham o objetivo de ensinar um corpo de conhecimentos. Quero com isso marcar a questão de como as instituições escolares estão envolvidas no modo como as crianças tecem relações com o mundo ao seu redor.

Durante nossos encontros, algumas atitudes das crianças revelavam posturas que, possivelmente, são adotadas no espaço escolar e estavam sendo reproduzidas por

elas, mesmo estando fora dos seus muros. Levantar o dedo antes de falar e organizar-se em fila antes das atividades foram movimentos corporais que se repetiram, apesar de não terem sido solicitados por mim. Outras fortes marcas da escola também estiveram presentes. A preocupação com o horário e os pedidos de silêncio, muitas vezes impediram manifestações espontâneas por parte das crianças.

Na atividade do desenho sobre como o bairro era antigamente, não buscava o certo e o errado. Queria que fosse uma manifestação espontânea, fruto da expressão criadora de cada um. Segundo Yolanda (2000, p.80), “o desenho espontâneo é mais natural em crianças pequenas” (0 a 5 anos). Com o tempo, os acúmulos de sugestões vindas da escola e da família condicionam as crianças que se tornam dependentes de uma orientação. Isso foi percebido por mim no desenvolvimento dessa atividade, pois em todos os grupos que passava e a explicava, elas me questionavam:

*- O que é para desenhar? Eu não sei...*

Também ficou clara a influência da escola ao constatar que a professora explicava aos alunos o que eles deveriam desenhar e quando ela visualizava um desenho que achava não estar condizente com o que eu havia proposto questionava:

*- Só tinha uma árvore antigamente? Só tinha casas?*

Todos esses fatores só reforçam a idéia de que a escola influencia e condiciona o impulso criativo de seus alunos:

Nascemos assim. É pena que tentam nos impedir de fazer o que gostamos e o que temos facilidade para realizar, em nossas diferentes linguagens. Vem logo alguém para cortar essa força autêntica, interferindo ou direcionando o conhecimento (YOLANDA, 2000, p 82).

O desenho é como uma “fotografia que revela uma dimensão interior do indivíduo” (BOER, 1994, p.92) e aquilo que foi interiorizado é fruto de experiências de vida e de aprendizagens que o aluno vivenciou através do seu contexto social, como família e escola. Isso só reforça a idéia que estou defendendo de que a escola é uma importante mediadora na forma como os alunos expressam-se em seus trabalhos. Essa mediação se ocorrida de forma normativa, direcionada e restrita acaba condicionando e criando formas “corretas” de manifestação, formam-se padrões, criam-se estereótipos e clichês.

Nessa mesma atividade ficou claro que há um padrão de desenho entre as crianças. Em todos eles há a presença de elementos naturais e humanos, representados, em sua maioria, por casas e árvores. O chão de terra e o céu com sol e nuvens também estão fortemente presentes. Em alguns casos, há a presença da figura humana (em 09 dos 28 desenhos). Isso pode ser fruto do próprio desenvolvimento cognitivo da criança que a partir dos seis ou sete anos estabelece a linha de base de seus desenhos, colocando elementos nesse apoio como casas, árvores, água, terra e, comumente, a figura humana (YOLANDA, 2000). Porém, nas escolas, esses padrões são bem aceitos e os que fogem a eles, são geralmente rejeitados, considerados “incorretos”. Há, assim, uma perpetuação de padrões que estou chamando, notadamente, de escolares.

Nas pesquisas que li sobre desenhos infantis, os autores falam sobre a presença marcante “de um estereótipo de árvores, de figuras humanas, de flores e de bichos” (YOLANDA, 2000, p.79). No meu trabalho, foi bastante evidente a presença de um estereótipo de árvores, em sua maioria representada por macieiras, e um estereótipo de casas representadas por figuras geométricas planas, geralmente um quadrado e um triângulo compondo a frente da casa, um quadrado e um paralelogramo compondo a parte lateral. A construção de estereótipos formais, espaciais, colorísticos, temáticos e também conceituais, faz com que as crianças deixem de ler o mundo através de seus referenciais, ocorrendo uma “deseducação dos sentidos” (CUNHA, 2002).

Isso me fez recordar de meus desenhos de infância. Eu também fui uma criança que desenhava através de estereótipos e percebo hoje a influência que esse fato exerceu sobre minha expressão criadora. No curso de Biologia, temos várias disciplinas que nos exigem representar, através de desenhos, animais e plantas, algo que sempre se configurou como uma grande dificuldade para mim. Mas a necessidade e, principalmente, a ampliação do olhar trazida através da Biologia permite-me agora conseguir desenhar algo além das “macieiras” e “bonecos de palitinho”.

O desejo de liberdade permeou toda a minha pesquisa, como pode ser visto na seguinte frase retirada de meu diário: “Queria deixá-los livres para novas sensações, descobertas, novos olhares...”. Agora, após muitas leituras e discussões com meus orientadores começo a me questionar: será que essa liberdade tão almejada por mim, realmente existiu? De certa forma sim. Como disse, foi um desejo bastante presente e que refletiu no modo como planejei e desenvolvi as atividades da pesquisa. Porém, não posso negar que a própria conformação das mesmas não era tão livre assim. Existia um horário estabelecido, um planejamento a ser cumprido.

As próprias crianças também não são totalmente livres, pois reverberam tudo aquilo que as interpelam através da cultura. Acredito, porém, que mesmo permeadas pela cultura, as crianças ainda não estão condicionadas a ver o mundo de uma única forma, algo que vai nos acontecendo com o tempo, através das imposições e limitações vindas da escola, da família, da sociedade. Essa conformação leva-nos a deixar de experienciar o mundo, por isso utilizo-me das palavras de Larrosa (1998) para refletir sobre a maneira como usamos nossos saberes e poderes sobre as crianças:

Torna-se necessário discutir tais implicações, especialmente se pensarmos a criança, desde que nasce, como um fenômeno da ordem do acontecimento, da novidade, daquilo que não está previamente determinado, e as ações pedagógicas como estratégias para capturar e fabricar determinados tipos de sujeitos pensados e previstos pelos projetos das escolas, famílias, instituições governamentais, mídia, mercado (LARROSA, 1998, p.87).

A respeito disso, não posso deixar de relatar aqui o momento que considero ter sido o mais importante e gratificante de toda a minha pesquisa: o passeio pelas trilhas. Ao longo delas, emoções foram sentidas, descobertas foram feitas e por que não dizer, experiências foram vividas. Nas trilhas, em especial, no gramado onde está localizada a casa de bambu, as crianças sentiram-se mais soltas, desprendidas da arquitetura de concreto das salas de aulas e de suas casas. Puderam explorar o Bosque sem a cobrança de terem que desenvolver algum trabalho escolar e sem a interferência incisiva, minha ou da professora. Eu, pelo contrário, tentei experienciar aquele momento junto a elas e pude perceber suas expressões de alegria e encantamento ao encontrarem o guarapuvu e as marias-sem-vergonha, ao brincarem de índio na casa de bambu e comerem amoras, ao descobrirem os girinos na nascente do Bosque e alcançarem o fruto da cana-do-brejo.

Como venho discutindo em meu trabalho, são vários os fatores que estão em jogo no modo como as crianças enxergam e relacionam-se com o Bosque, sendo esses permeados pela cultura. A escola, portanto, não é a única mediadora e entre as várias questões analisadas ficou clara a penetrabilidade dos artefatos culturais nos modos como as crianças enunciam a paisagem do Bosque. Partindo do pressuposto de que esses artefatos assumem uma dimensão pedagógica a nos ensinar sobre o mundo, ficou explícita sua participação no modo como as crianças narram os elementos constitutivos desse lugar.

Há uma multiplicidade de narrativas que se articulam em produções culturais sobre natureza e meio ambiente, produzindo significados que atuam no estabelecimento de subjetividades e de configurações sociais (WORTMANN, 2002). O trabalho de Souza (2008) discute significados presentes num filme de desenho infantil, *Vida de inseto*. A autora chama a atenção para o papel social dos filmes, que, por assumirem um caráter pedagógico, nos ensinam “valores, comportamentos, papéis conforme os sexos, posições vigentes de sujeitos e representações de animais”, em momentos geralmente associados à mera diversão (SOUZA, 2008, p.90). Durante a contação de história sobre o Bosque, associações com filmes foram feitas por diversas vezes pelas crianças, aparecendo entre eles: *Motoqueiro fantasma*<sup>25</sup>, *Batman*<sup>26</sup> e *Ratatouille*<sup>27</sup>, o que demonstra como esses artefatos permeiam o imaginário infantil.

A mediação dos artefatos culturais parece-me bastante intrincada no modo como as crianças narram e estabelecem relações com os animais presentes, ou que elas pensam estar presentes no Bosque. Estava em jogo nas suas falas uma confusão de fronteiras entre o que seria uma espécie exótica e outra nativa, uma dualidade tomada de forma tão naturalizada por nós biólogos. Para as crianças não interessava que as galinhas e coelhos presentes no Bosque, animais que foram introduzidos propositalmente pelos gestores do mesmo, não eram espécies nativas da Mata Atlântica. A elas interessava, simplesmente, ver e tocar os animais. Já em relação a outros, demonstravam medo e até certa repugnância.

Machado (1982, p.110) nos diz “que para gostar é preciso conhecer, e a maioria das pessoas e crianças vive hoje nas grandes cidades, isoladas do contato direto com a natureza”. Sendo assim, o afeto despertado nas crianças pelos coelhos e galinhas do Bosque deve-se ao fato de estes serem bastante conhecidos por elas, já que são animais domesticados pelo homem há muito tempo. Serrão-Neumann (2007) argumenta que quando se fala de animais para as crianças, são aqueles que elas conhecem e, nesse conhecer, é perceptível que elas desconhecem os animais pertencentes à fauna

---

<sup>25</sup> Motoqueiro Fantasma - Personagem de histórias em quadrinhos que tornou-se filme no ano de 2007 sob a direção de Mark Steven Johnson. Retirado de: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Motoqueiro\\_Fantasma](http://pt.wikipedia.org/wiki/Motoqueiro_Fantasma) (acesso em 05 de janeiro de 2009).

<sup>26</sup> Batman - Famoso super-herói das histórias em quadrinhos, criado pelo desenhista Bob Kane. Virou filme em diversas edições sendo a mais recente Batman – O Cavaleiro das Trevas, de 2008. Retirado de: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Batman> (acesso em 05 de janeiro de 2009).

<sup>27</sup> Ratatouille – Filme de animação da Walt Disney que conta a história de uma rato que adora cozinhar. Direção de Brad Bird. Retirado de: <http://www.adorocinema.com.br/filmes/ratatouille/ratatouille.asp> (acesso em 05 de janeiro de 2009).

brasileira. Não posso deixar de ressaltar que o próprio Bosque possibilita essa confusão de fronteiras, já que possui uma paisagem tão modificada, com a quase ausência total de suas características “naturais” (se é que podemos dizer que há algum lugar sem qualquer marcação humana), que não é mais possível separar com facilidade o que seria exótico do que seria nativo.

“Os animais são como nós e diferentes de nós; eles podem ser incorporados a discursos de similaridade e discursos de diferença” (DAL-FARRA, 2008 p.24). Em seu estudo sobre discursos e representações de animais na vida contemporânea, que implicam em gostarmos ou não deles, o autor ajuda-nos a compreender como ocorre essa construção, tomando como exemplo as histórias infantis.

Muitos de nós tentamos entender os animais, e o fazemos em termos de nossas próprias experiências, linguagens e emoções, e a literatura infantil exemplifica a pujança dessas representações (DAL-FARRA, 2008, p.24)

Associações com histórias infantis também estavam presentes nas falas das crianças. Quando perguntei a elas sobre as formigas, responderam-me prontamente:

- *Trabalha o dia inteiro!* Provavelmente, estavam fazendo alusão à história infantil *A cigarra e a formiga*.

Dal-Farra (2008) ainda afirma que as representações estão tão próximas de nós, que não mais as percebemos e as interiorizamos. Isso reflete-se consideravelmente na forma como as crianças relacionam-se com os animais, que muitas vezes passam a ser vistos por elas como *bonitinhos* e *fofinhos*, devendo ser preservados, já outros são vistos como *feios* e *nojentos*, devendo ser exterminados. O autor descreve bem essas subjetividades:

Criamos alguns, nos aproximando cada vez mais deles; aceitamos outros, dentro de algumas condições; toleramos terceiros, até certo ponto, e exterminamos aqueles que excluímos de nossas simpatias (DAL-FARRA, 2008, p.25)

A partir das atividades desenvolvidas no Bosque percebi que as galinhas, tartarugas e, principalmente, os coelhos estavam associados a sentimentos de afeto e respeito. Já as cobras despertaram medo. Os morcegos dividiram opiniões, alguns os relacionaram a imagem dos vampiros que se alimentam de sangue, outros comentaram o

fato de serem herbívoros. Em relação aos insetos, e outros animais considerados pelas crianças como parte desta categoria, essa dicotomia também esteve presente. As abelhas e borboletas são bem vistas por elas, as primeiras por nos oferecerem mel e as segundas por sua beleza. Já a lagarta, apesar de ser parte do ciclo de vida das borboletas, foi retratada com nojo pelas crianças, assim como os insetos de maneira geral, como pode ser observado no diálogo a seguir:

- **Crianças:** *E do que o bem-te-vi se alimenta?*

- **Eu:** *Ele come insetos.*

- **Crianças:** *Eca!*

Essa visão negativa comumente associada aos insetos também esteve presente no trabalho de Ulissea (2007). Em sua pesquisa, realizada na comunidade do Ribeirão da Ilha<sup>28</sup>, outros animais que não pertencem à categoria dos insetos verdadeiros foram classificados como tal, como aranhas, cobras e ratos. A autora argumenta que o motivo desses animais serem considerados pela população da comunidade como insetos deve-se ao fato de serem vistos como perigosos, venenosos ou transmitirem doenças. Em meu estudo, quando perguntei que insetos existem no Bosque, barata, mosca, mosquito da dengue e aranha foram os primeiros a serem lembrados, demonstrando como esse olhar de negatividade está presente também nas crianças.

O caráter utilitarista associado aos animais, como o fato da abelha ser boa por produzir mel, também está muito presente nos artefatos culturais. Lendo o trabalho de Ripoll (2008) deparei-me com um texto de Carlos Drummond de Andrade que explicita com toda a sua sensibilidade e ironia essa visão antropocêntrica sobre os animais, e decidi colocar parte desse texto em meu trabalho:

“Terceiro dia de aula. A professora é um amor. Na sala, estampas coloridas mostram animais de todos os feitios. É preciso querer bem a eles, diz a professora, com um sorriso que envolve toda a fauna, protegendo-a. Eles têm direito à vida, como nós, e além disso são muito úteis. Quem não sabe que o cachorro é o maior amigo da gente? Cachorro faz muita falta. Mas não é só ele não. A galinha, o peixe, a vaca... Todos ajudam.

- Aquele cabeludo ali, professora, também ajuda?

- Aquele? É o iaque, um boi da Ásia Central. Aquele serve de montaria e de burro de carga. Do pêlo dele fazem perucas bacaninhas. E a carne dizem que é gostosa.

---

<sup>28</sup> Comunidade localizada no município de Florianópolis-SC.

- Mas se serve de montaria, como é que a gente vai comer ele?
- Bem, primeiro serve para uma coisa, depois para outra. Vamos adiante.
- (...)
- Ai de nós se não fossem os animais que nos ajudam de todas as maneiras. Por isso que eu digo: devemos amar os animais, e não maltrata-los de jeito nenhum. Entendeu, Ricardo?
- Entendi. A gente deve amar, respeitar, pelar e comer os animais, e aproveitar bem o pêlo, o couro e os ossos.”

As narrativas de medo, afeto, utilidade ou intolerância que nos atravessam a partir dos artefatos culturais não se restringem apenas aos animais. Elas tratam da natureza como um todo. Em muitas histórias infantis as florestas são narradas como locais perigosos, onde residem seres do mal, como bruxas e lobos. Ângelo Machado (1982), autor de diversos livros infantis, argumenta que o medo da floresta pode ser um componente psicológico ligado à sua própria destruição. Numa de suas pesquisas, Machado questionou a uma menina de quatro anos o que ela pensava sobre as florestas e achei interessante trazer para o meu trabalho parte desse diálogo:

- Você sabe o que é floresta?
- Sei, é negócio de lobo.
- Você acha perigoso entrar na floresta?
- Eu acho.
- Por quê?
- Por causa do lobo.
- Você acha a floresta boa, ruim ou mais ou menos?
- É muito ruim por causa do lobo
- Você queria que acabasse tudo quanto é floresta?
- Eu queria. Queria que pusesse fogo na floresta.

(MACHADO, 1982, p.5)

Na minha pesquisa, contrariando o que havia pensado inicialmente, o medo não esteve muito presente. Algumas crianças pareceram um pouco receosas no início das trilhas, mas logo sentiram-se a vontade com aquele ambiente. Acredito que isso ocorreu pelo fato de todas elas já conhecerem o Bosque. Além disso, a vegetação é bastante esparsa, bem diferente das florestas representadas nas histórias infantis. Houve, porém, o relato de uma menina que disse ter medo de mata e que corrobora com o argumento do Bosque não despertar medo devido às suas características físicas:

- **Criança:** *Uma vez a gente teve que atravessar um mato e aí eu pedi pro meu tio me segurar.*

- **Anna:** *Por quê?*

- **Criança:** *Eu tenho muito medo de mata!*

- **Anna:** *E dessa aqui, você não teve medo?*

- **Criança:** *Não, dessa não.*

- **Anna:** *E por que não?*

- **Criança:** *Ah, essa aqui não parece mata. A outra era fechada e mais escura, essa é bem aberta, né.*

Mesmo sendo algo tão pontual, achei importante trazer essa discussão para minha pesquisa, pois assim como Ângelo Machado, acredito que devemos, em nossas práticas educativas, tentar despertar nas crianças sentimentos que propiciem a preservação, a convivência harmônica e o respeito pela natureza.

Estava em jogo, também, nas diferentes manifestações das crianças sobre o Bosque, subjetivações menos paupáveis do que a mediação da escola ou dos artefatos culturais, e que refletiram na forma como elas pensam o passado e imaginam o futuro desse lugar. Para elas, a destruição da Mata Atlântica era algo que tinha acontecido há muito tempo. Os portugueses e açorianos haviam destruído tudo para construir suas casas e parecia que esse bioma não existia mais, ou pelo menos, que agora ele não era mais destruído. Alguns trechos retirados de meu diário demonstram claramente essa relação, ocorrida em diversos momentos. Durante a contação de histórias:

- **Eu:** *Então quem aqui conhece a Mata Atlântica?*

- **Crianças:** *Nós vimos na escola!*

- **Crianças:** *Os portugueses destruíram tudo.*

- **Crianças:** *Tinha no litoral aqui.*

- **Crianças:** *Destruíram pra fazer casas.*

E durante a atividade das imagens aéreas:

- **Criança:** *Eles foram desmatando.*

- **Criança:** *Quando a gente nem tinha nascido ainda!*

- **Criança:** *É, quando tinha os açorianos.*

É interessante perceber, também, a noção de tempo para as crianças. Como pode ser visto no diário, o ano passado ou o ano de 2002 (data de criação do Bosque) é algo muito longínquo para elas. Isso demonstra que 1938 (ano da imagem aérea antiga do Bosque) torna-se extremamente abstrato, por isso argumento que as crianças criaram

uma fábula para explicar a devastação da Mata Atlântica, tendo os açorianos e portugueses como os vilões da história.

Dualidades do bem contra o mal também estiveram presentes nos desenhos. Num deles uma criança representou Hércules, herói mitológico, e outro personagem que seria o “destruidor”. Outra criança desenhou árvores que estavam com rostos tristes, pois haviam arrancado os seus galhos. Sendo assim, mesmo existindo a presença de um padrão escolar, em alguns deles, pude perceber narrativas preservacionistas de outra ordem.

Além das fábulas do passado, as crianças criaram outras histórias. Diante da proposta da última atividade que foi de representar através de uma maquete como estará o Bosque e seu entorno no futuro, fabulações surgiram, fugas da realidade racional e concreta ocorreram. Ficou claro que elas não se imaginavam como pessoas adultas, marcas da infância permaneciam. Isso pode ser percebido no brinquedo do Parque Tupã e no balanço representados na maquete do grupo 2, na pista de skate do grupo 4, nos brinquedos de se pendurar igual macaco do grupo 5.

Em todas as maquetes era possível observar um desejo de preservação daquele lugar, representado pela presença de árvores. Mais do que isso, esse desejo transparecia nas falas das crianças, muitas vezes através de fabulações. O grupo 5 compartilhava a mesma idéia de preservação e coletivamente construíram uma interessante fábula sobre o futuro, como pode ser observado nos seguintes trechos retirados do diário:

- **Criança:** *E vamos morar na casinha de bambu.*
- **Eu:** *Mas e a luz?*
- **Criança:** *Não precisa de luz!*
- **Criança:** *Vamos fazer fogo!*
- **Criança:** *Vamos fazer fogo e dançar ao redor!*
- **Criança:** *E vamos usar carvão pra fazer energia.*
- **Criança:** *Meu bicho de estimação vai ser um leão!*

Como já argumentei, acredito que as crianças ainda não estão condicionadas a ver o mundo de uma única forma. Isso pôde ser evidenciado em minha pesquisa pelas histórias que contaram. Fábulas que, mesmo permeadas pela cultura, nos mostram outras possibilidades, outros caminhos que fogem ao pensamento racional tão instituído em nossa sociedade.

## 6. Reflexões “finais”...



Hoje, 13 de janeiro de 2009, escrevo as últimas linhas de meu trabalho de conclusão de curso. Foram onze meses de pesquisa, de leituras, conversas, incertezas, conflitos e muitas mudanças, a começar pelo título do trabalho. No início, quando escrevi o projeto, intitulado “Pedagogias com crianças no Bosque Pedro Medeiros: modos de pensar e construir pertencimentos” tinha como objetivo despertar nas crianças esse sentimento em relação ao Bosque. Após muitas reflexões junto a meus orientadores percebi que não seria possível responder a esse objetivo. Não tinha como despertar pertencimentos numa pesquisa tão pontual e, principalmente, sem saber o que as crianças sentem e pensam sobre esse lugar. Por alguns momentos, não consegui visualizar o que eu realmente pretendia com minha pesquisa. Isso só ficou claro para mim, depois de ter aplicado as atividades e construído meu diário. Só assim, cheguei à pergunta que me norteou até aqui: que olhares e relações as crianças tecem com e através do Bosque.

Assim surgiu uma nova pesquisa, intitulada “Um Bosque com vida: encontros e experiências através da Educação Ambiental”. Esse título reflete tudo aquilo que sinto sobre esse lugar e que despertou em mim o desejo de desenvolver esse trabalho. Vejo o Bosque como um lugar cheio de vida que convida-nos a adentrar em seu espaço e viver encontros e experiências. Proporcionar isso às crianças através da Educação Ambiental tornou-se meu novo objetivo.

Durante quase todo o decorrer da pesquisa trabalhei como estagiária do Bosque Pedro Medeiros. Isso foi bastante positivo, pois me deu a liberdade necessária para desenvolver as atividades ali. Porém, a rotina de trabalho de trinta horas semanais somada ao tempo de aulas e reuniões na UFSC, tomavam praticamente todo o meu tempo e minhas forças. Restavam poucos momentos para me dedicar à escrita do TCC. No Bosque, mesmo quando estava chovendo (lembrando que as chuvas foram muito frequentes nos últimos meses) e não tinha nenhuma escola para atender, era obrigada a ficar lá para cumprir minha carga horária, sem ter um espaço onde pudesse ao menos ler um livro. Esses motivos levaram-me a tomar a decisão de adiar a apresentação do meu trabalho. Muitas pessoas aconselharam-me a não fazer isso. Hoje percebo que tomei a decisão correta. O que vocês estão lendo agora não é para mim apenas um trabalho de conclusão de curso, é muito do que eu sou e do que eu acredito.

Trabalhar no Bosque todo esse tempo também despertou-me para outras reflexões, que não são pertinentes a minha pesquisa, mas que cabem aqui nesse capítulo final e que não poderia omiti-las. O Bosque, como já mencionei, é um espaço público

administrado pela Prefeitura Municipal de Florianópolis. Muitas das ações que tentei desenvolver ali, junto aos outros estagiários e profissionais do SESC Estreito, para tentar melhorar aquele espaço e atrair a comunidade, esbarravam sempre no mesmo problema: o descaso e a má administração pública. Tudo era muito difícil de ser alcançado, o que limitava nossas ações e acabava até desanimando-nos de tentar fazer algo para mudar essa situação. Sinto uma profunda tristeza, por ver um lugar tão belo sucumbindo aos poucos e espero profundamente que o pouco que consegui desenvolver ali não tenha sido em vão...

Superar as frustrações ocorridas durante meu estágio, não foi o único desafio que permeou essa pesquisa. Escrivê-la também configurou-se como uma grande batalha a ser vencida. Não só pela falta de tempo, mas, principalmente, pela falta de técnica. A área da Educação possui uma linguagem bastante particular, a qual não estava acostumada. Porém, identifiquei-me tanto que os momentos de escrita do trabalho tornaram-se bastante prazerosos. Como já justifiquei anteriormente, decidi por deslocar o diário para o corpo do texto. A idéia inicial era de entremear a discussão ao diário. Isso não foi possível de ser feito aqui pela falta de tempo e também de técnica. Deixo-a como um desejo futuro para minhas próximas pesquisas, quem sabe até um Mestrado...

As atividades planejadas por mim e meus orientadores foram pensadas para se tentar responder a pergunta central de minha pesquisa. Acredito plenamente que essas atividades possibilitaram vislumbrar uma multiplicidade de olhares das crianças sobre o Bosque. Olhares de curiosidade e descobertas, de medo e encantamento, de preservação e destruição. Mesmo considerando-as satisfatórias por me fornecerem as respostas que procurava, cabe-me agora refletir um pouco sobre elas. Quanto às atividades do primeiro dia, a contação de histórias e o passeio pelas trilhas, não tenho muitos comentários a tecer. Elas permitiram às crianças conhecer o Bosque de outras formas, de contar suas histórias e se encantar com as descobertas feitas.

No segundo encontro que tivemos, foram realizadas três atividades: o desenho, a observação das imagens e a construção das maquetes. Sobre as imagens aéreas do Bosque e seu entorno gostaria de marcar que, apesar de considerá-las válidas para a proposta que pretendia desenvolver e do meu esforço em produzir um bom material, percebi que as crianças tiveram dificuldades em compreendê-las. Isso ocorreu, provavelmente, pelo fato das crianças não terem lentes para analisar a imagem antiga. Era um tipo de paisagem que não estavam acostumadas a visualizar.

Na atividade da maquete, pretendia, mesmo que inconscientemente, e só percebo isso agora, racionalizar o futuro. Gostaria de ver em suas maquetes a preservação do Bosque, representada através de muitas árvores. As crianças corresponderam as minhas expectativas, mas ao invés de me mostrarem um futuro racional, elas construíram outras narrativas, criaram fábulas.

A postura racional, ética, cidadã, vai matando a fábula e acaba criando uma única história, um único modo de ver o mundo. Cria-se um modelo dito ecologicamente correto a ser seguido. Não o estou criticando, apenas questionando, pois no decorrer de minha pesquisa as crianças mostraram-me outros caminhos e fizeram-me refletir: será que a Educação Ambiental não está desconsiderando essas fabulações e contribuindo para a construção de uma única visão de mundo? E por que não permitir-se a novas histórias? Ainda não tenho respostas a essas indagações, mas deixo-as livres, para que possa refletir sobre elas em minhas próximas pesquisas...

## 7. Referências Bibliográficas

ARRUDA, Vera Lícia Vaz de. Vivências em Educação Ambiental. In: ARRUDA, Vera Lícia Vaz de (Org); HANAZAKI, Natalia (Org). **Tecendo reflexões em educação e meio ambiente**. Florianópolis: Ed. UFSC, no prelo. p. 01-17.

BARCELOS, Valdo. **Educação Ambiental: sobre princípios, metodologias e atitudes**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008. 119p.

BARCELOS, Valdo; NOAL, Fernando. A temática ambiental e a educação: uma aproximação necessária. In: NOAL, Fernando (Org); REIGOTA, Marcos (Org); BARCELOS, Valdo (Org). **Tendências da educação ambiental brasileira**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998. p. 97-112.

BARCELOS, Valdo; SILVA, Ivete Souza da. Saberes, sabores e devorações – para uma educação ambiental antropofágica e pós-moderna. In: PREVE, Ana Maria Hoepers (Org.); CORRÊA, Guilherme Carlos (Org.). **Ambientes da Ecologia: perspectivas em política e educação**. 1<sup>a</sup> ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007. p. 139-167.

BELLO, Sérgio Carneiro. Por que devemos contar histórias na escola? In: GIRARDELLO, Gilka (Org). **Baús e chaves da narração de histórias**. Florianópolis: SESC-SC, 2004. p. 156-163.

BOER, N. O meio ambiente na percepção de alunos que recebem educação ambiental na escola. **Ciência & Ambiente**. Vol. 8, 1994. p. 90-101.

BRUM, Francis Maria Roxo de; BRUM, Marcos Genro de; BORTOLUZZI, Silvia Delpizzo. **Levantamento Florístico e Fitossanitário das espécies do Bosque Pedro Medeiros**. Florianópolis, 2002. 50p.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira da. Pintando, bordando, rasgando, desenhando e melecando na educação infantil. In: CUNHA, Suzana Rangel Vieira da (Org). **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. 3<sup>a</sup> ed, Porto Alegre: Ed. Mediação, 2002. p. 08-36.

DAL-FARRA, Rossano André. Quando os animais invadem a sala de aula. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org). **Estudos culturais para professor@s**. Canoas: Ed. Ulbra, 2008. p. 15-26.

DOHME, Vânia. **Atividades lúdicas na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado**. Petrópolis: Vozes, 2003. 182p.

FRANCISCO, Alexsander Botelho. **O resgate da técnica do flanelógrafo na educação infantil em áreas próximas ao manguezal do Itacorubi, Florianópolis – SC**. Trabalho de Conclusão de Curso / Ciências biológicas. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 1999. 65p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 146p.

GARCIA, Regina Leite. Múltiplas linguagens na vida – por que não múltiplas linguagens na Escola? In: In: GARCIA, Regina Leite (Org). **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.07-16.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A importância da história e da cultura nas leituras da natureza. In: 29<sup>a</sup> Reunião Anual da ANPED, 2006, Caxambu. **Educação, cultura e conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos**. Rio de Janeiro: ANPED, 2006. p. 01-15.

HAUFFE, Amanda Kormann. **Enquanto o girassol cresce e o sol gira, se constrói uma proposta de Educação Ambiental para a Educação Infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso/ Ciências Biológicas. Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. 2003. 124p.

IPUF – Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis. **Projeto de Restauro da futura sede do Museu do Presépio**. Florianópolis, 1999. 25p.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, 2002. p. 20-28.

LARROSA, Jorge. O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: LARROSA, Jorge(Org) & LARA, Nuria Pérez de (Org). **Imagens do outro**. Petrópolis: Vozes, 1998.

LORENZI, Harri; MATOS, Francisco José de Abreu. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2ª. ed. São Paulo: Instituto Plantarum, 2008. 544p

MACHADO, Ângelo Barbosa Monteiro. Conservação da natureza e educação. In: **Anais do Congresso Nacional sobre essências Nativas**. Campos do Jordão, São Paulo, 1982. p. 109-118.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; OLIVEIRA, Eloísa Raquel; MESSINA, Virginia da Silva. **Deixando marcas... a prática do registro no cotidiano da educação infantil**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001. 110p.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994. 62p.

RESES, Gabriela de Leon Nóbrega. **Metodologias de Educação Ambiental: a água como um tema gerador**. Trabalho de Conclusão de Curso/ Ciências Biológicas. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2007. 97p.

RIPOLL, Daniela. A classificação dos seres vivos e os Estudos Culturais: uma articulação possível na sala de aula. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org). **Estudos culturais para professor@s**. Canoas: Ed. Ulbra, 2008. p. 41-54.

SAMPAIO, Shaula; GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Educação ambiental: tecendo trilhas, escriturando territórios. In: **IV EPEA - Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental**, 2007, Rio Claro. ANAIS do IV EPEA. Rio Claro: UNESP, 2007. p. 01-15.

SERRÃO-NEUMANN, Silvia Maria. **Para além dos domínios da mata**: estratégias de preservação de fragmentos florestais no Brasil (Santa Genebra, Campinas, SP). São Paulo: Annablume, 2007. 258p.

SEVEGNANI, L. Vegetação da Bacia do Rio Itajaí, em Santa Catarina. In: Schäffer, W. B.; Prochnow, M. (Org.). **A mata atlântica e você: como preservar, recuperar e se beneficiar da mais ameaçada floresta brasileira**. São Paulo: Iphis, 2002. p. 85-101.

SOARES, Iaponan. **Estreito, vida e memória**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1990. 158p.

SOUZA, Nádia Geisa Silveira de. Ensinando nos anos iniciais: os animais e a alimentação sob um enfoque cultural. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org.). **Estudos culturais para professor@s**. Canoas: Ed. Ulbra, 2008. p. 83-98.

ULISSEA, Mônica Antunes. **Estudo Etnoentomológico na comunidade do Ribeirão da Ilha, Ilha de Santa Catarina, SC**. Trabalho de Conclusão de Curso/ Ciências Biológicas. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2007. 84p

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Análises culturais – um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, Maria Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos II – Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 73-92.

WUNDER, Alik; SPEGLICH, Erica; CARVALHO, Fabiana Aparecida; AMORIM, Antonio Carlos R. A educação ambiental: entornos pós-modernos. In: **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 2, n.2, 2007. p. 67-87.

YOLANDA, Regina. Artes visuais na Escola. In: GARCIA, Regina Leite (Org). **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 77-90.

## Anexo 01

### História

#### *Um passeio no Bosque*

**N:** Nossa história começa com os personagens Dudu e Carol

**N:** Dudu e Carol moram no bairro do Estreito (esse onde estamos agora)

**P:** Qual bairro vocês moram? Como ele é? Tem muitas árvores? Tem barulho?

**1ª. Cena: elementos da cidade (casas, prédios, ruas, carros, ônibus, Dudu e Carol)**

**N:** Num belo dia de sol, Dudu e Carol resolveram passear no Bosque Pedro Medeiros, que fica próximo a casa deles. Prepararam uma cesta de piquenique e foram.

**P:** Quem já veio passear no Bosque com amigos e com a família (sem ser com a escola)? Fizeram piquenique?

**P:** Já passaram em outro lugar parecido? Onde? O que tinha lá? Gostaram do passeio?

**2ª. cena: casas, Dudu e Carol com cesta de piquenique e portal de entrada do Bosque.**

**P:** E no Bosque tem o que?

**P:** Que plantas têm? Qual o tamanho delas? Tem flor, fruto?

**N:** Dudu e Carol ao entrarem no Bosque perceberam que aqui existia uma variedade enorme de plantas da Mata Atlântica. Algumas grandes, outras pequenas, algumas com flores, outras sem. Com folhas grandes, folhas pequenas, com fruto, sem fruto e ainda plantas que cresciam por cima de outras plantas. Para conhecer melhor as espécies que existiam aqui eles decidiram caminhar pelo Bosque prestando atenção nas plaquinhas de identificação. **(ir colocando as árvores)**

**P:** Vamos conhecer algumas delas?

**N:** Falar sobre guarapuvu, embaúba, palmitero, jabuticabeira, ipê amarelo e bromélia.

**N:** Ao observarem as plantas do Bosque, Dudu e Carol perceberam a existência de inúmeros animais que vivem associados a essa rica vegetação.

**P:** Que animais vocês acham que existem aqui no Bosque?

**N:** Observaram que alguns animais utilizam as árvores para construir suas casas como o joão de barro; outros para se alimentar como os morcegos. Alguns descansam nos galhos como o bem-te-vi. As árvores podem ainda servir de esconderijo para os preás. Sem contar os inúmeros insetos que dependem das plantas para sobreviver. **(ir colocando os animais em associação com as plantas)**

**P:** Quem são os insetos?

**N:** Falar das abelhas, borboletas, formigas e bicho-pau. **(colar os insetos)**

**3ª. cena: plantas, animais, Dudu e Carol, cesta de piquenique.**

**N:** Depois de percorrerem todas as trilhas e se admirarem com a beleza das árvores, o canto dos pássaros, o colorido das borboletas, eles decidiram parar e fazer o piquenique. Estenderam uma toalha no chão e começaram a comer o delicioso lanche que tinham trazido.

**P:** O que será que eles trouxeram de bom para o lanche?

**4ª. cena: acrescentar toalha de piquenique.**

**N:** Depois do piquenique Dudu e Carol começaram a conversar sobre o que existe embaixo da terra.

**P:** Vocês sabem o que tem embaixo da terra?

**N:** Falar sobre as minhocas e piolhos de cobra, sobre os microorganismos, rochas e lençol freático.

**5ª. cena: minhoca, piolho de cobra, microorganismos, lençol ferático.**

**N:** Depois de pensarem no que teria embaixo da terra Dudu e Carol começaram a observar o céu. Eles perceberam a presença de várias nuvens escuras.

**P:** O que acontece quando tem muitas nuvens escuras no céu?

**N:** Pingos de chuva começaram a cair. Dudu e Carol ficaram tristes, pois teriam que terminar o passeio, mas também ficaram felizes pois sabiam que aquela chuva que caía era muito importante para todas as plantas e animais que eles haviam descoberto durante o passeio. Foram para casa maravilhados com tudo o que tinham visto.

**6ª. cena: acrescentar nuvens escuras e pingos de chuva.**

**N:** Dudu e Carol voltaram ao Bosque muitas vezes e a cada ida faziam novas descobertas, tinham novas sensações e cada vez mais sentiam-se parte daquele espaço.

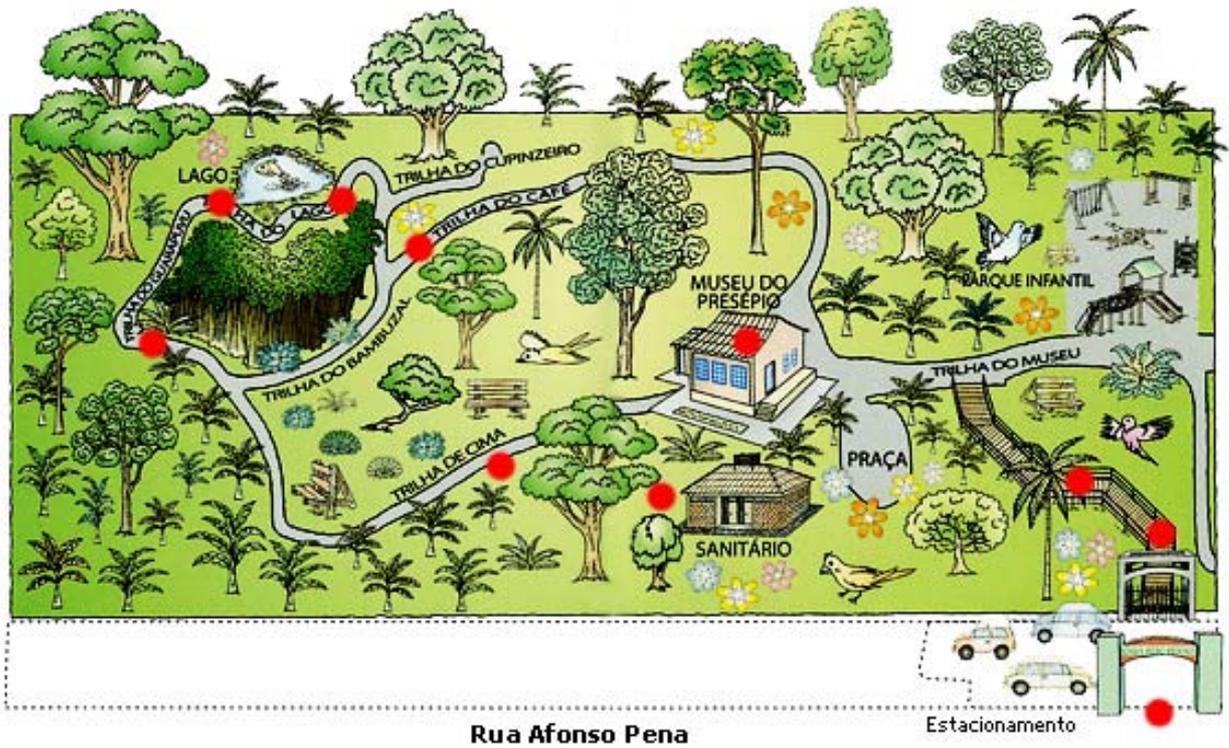
### **Legenda:**

**N:** narração da história

**P:** perguntas

## Anexo 02

### Mapa ilustrativo do Bosque Pedro Medeiros.



*O lago e a Trilha do Cupinzeiro não existem mais.*

**Anexo 03**  
**Imagens aéreas**



*Imagem aérea do Estreito, com o Bosque em destaque - 1938*



*Imagem aérea do Estreito, com o Bosque em destaque – 2007*

**Anexo 04**  
**Lei nº 3409/90**

CRIA, NO ESTREITO, O “BOSQUE VEREADOR PEDRO MEDEIROS”.

Faço saber a todos os habitantes do Município de Florianópolis, que a Câmara de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica criado, no Estreito, o “Bosque Vereador Pedro Medeiros”, aberto ao público, na forma e condições a serem estabelecidos pelo Poder Executivo.

Art. 2º - O espaço territorial constitutivo do “Bosque Vereador Pedro Medeiros”, será de 10.107,66m<sup>2</sup>, área essa remanescente de um todo maior desapropriado da Mitra Metropolitana, conforme Decreto nº 087/77.

§ 1º - Fica vedada, nesse espaço, qualquer supressão da flora existente, à exceção de eventuais alterações impostas para implementação do Bosque como área pública de lazer.

§ 2º - Na área definida neste Artigo, poderá ser instalado o órgão municipal incumbido do meio ambiente.

Art. 3º - O Poder Executivo expedirá, em 90 dias, o regulamento do “Bosque Vereador Pedro Medeiros”.

Art. 4º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

D.O.E – 04.07.90

Paço Municipal, em Florianópolis, aos 26 de junho de 1990

**ANTONIO HENRIQUE BULCÃO VIANNA.**  
**PREFEITO MUNICIPAL**

**Anexo 05**  
**Decreto nº 1370/02**

TOMBA COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO E ARQUITETÔNICO,  
OS IMÓVEIS QUE IDENTIFICA.

O Prefeito Municipal, no uso de suas atribuições e com base na Lei Municipal nº 1.202, de 04/04/74, e Considerando ser dever do Poder Público Municipal colocar sob sua guarda os bens considerados de valor histórico, artístico, arquitetônico e natural existentes no Município;

Considerando a importância da preservação de edifícios históricos para a memória do Município e que a edificação está em boas condições de conservação; Considerando que o imóvel destina-se ao uso cultural e de lazer e é de propriedade municipal; Considerando a integridade da área verde existente, que é um dos poucos remanescentes da mata atlântica no território continental do município;

Considerando as demais justificativas para tombamento, elaboradas pelo SEPHAN, anexadas no processo,

DECRETA:

Art. 1º - Ficam tombados, por seu valor histórico, arquitetônico e natural, parte da área compreendida pelo Bosque Vereador Pedro Medeiros, em Florianópolis, com inscrição cadastral 51 20 053 0489, passando a fazer parte do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município.

Art. 2º - O tombamento abrange a edificação, classificada como PI e a respectiva área de entorno, bem como a área verde, a ser classificada como AVL, assinalados em mapa anexo.

Art. 3º - As categorias de preservação de que trata o artigo anterior tem as seguintes definições:

I. PI – Imóvel a ser totalmente conservado ou restaurado, tanto interna como externamente, pela integridade dos elementos arquitetônicos, acompanhada da respectiva área de entorno, referente a 10,00 metros a partir da edificação;

II. AVI – Área Verde de Lazer Nesta área será permitida apenas a construção de equipamentos de lazer ao ar livre a aqueles típicos de parque, bem como a edificação de sanitários, vestiários, quiosques e das dependências necessárias aos serviços de conservação.

Art. 4º - Na área tombada as interferências deverão ter a aprovação prévia do SEPHAN.

§ 1º Na área tombada ficam ressalvadas as obras de conservação e restauração que se fizerem necessárias, bem como adequações ao bom uso do imóvel, visando seu uso cultural, de lazer e de turismo, a serem aprovadas pelo SEPHAN;

§ 2º Na área de entorno da edificação, qualquer interferência deverá garantir a plena visibilidade da edificação preservada;

§ 3º Na AVL as edificações não poderão ultrapassar a faixa de ocupação de 5% (cinco por cento).

Art. 5º - Fazem parte do presente Decreto as justificativas de tombamento e a planta de tombamento demarcando a área tombada, identificando a edificação classificada como PI e sua área de entorno, bem como a AVL.

Art. 6º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário.

DOE – 03.04.02

Florianópolis, aos 27 de março de 2002.

**ANGELA REGINA HEINZEN AMIN HELOU**  
**PREFEITA MUNICIPAL**

**Anexo 06**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

*Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*

Eu, .....,  
responsável pelo aluno(a).....  
....., concordo de  
livre e espontânea vontade que meu filho(a) participe como voluntário(a) da Pesquisa a  
ser desenvolvido no Bosque Pedro Medeiros pela pesquisadora Aline Gevaerd Krelling  
sobre Educação Ambiental. Fui esclarecido(a) sobre a justificativa, objetivos e  
procedimentos que serão utilizados na pesquisa e que essa não tem fins lucrativos. Foi-  
me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve  
a qualquer penalidade e que a identidade de meu filho(a) será mantida em sigilo.

.....  
Assinatura

Florianópolis, ..... de ..... de 2008.

Pesquisadora responsável: Aline Gevaerd Krelling  
Professor orientador: Leandro Belinaso Guimarães  
UFSC / CED / MEN / Grupo de Estudos Tecendo.  
Contato: 3024-55-63 / 9974-14-64